

3º CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA
DA CONSTRUÇÃO LUSO-BRASILEIRA
3rd International Congress on Luso-Brazilian Construction History

Anais do

3º CIHCLB



Os conteúdos dos artigos publicados nestes anais são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FAU)

C749

Congresso Internacional de História da Construção Luso-Brasileira (3. : 2019 : Salvador, BA).

Anais do 3º CIHCLB [recurso eletrônico] : Salvador, 3 a 6 de setembro de 2019 / Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração, organizador. – Salvador, BA : Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração, 2019.

1 v. : il.

Organização do Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração da Universidade Federal da Bahia.

ISBN 978-85-8292-220-0

1. Arquitetura - Brasil - Portugal - História. I. Universidade Federal da Bahia. Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração. II. Título.

CDU: 72.03(81+469)

Responsável técnico: Ramon Davi Santana – CRB/5-1972

APRESENTAÇÃO

Realizadas as duas primeiras edições deste evento científico, focado na discussão e divulgação de temáticas que se inscrevem no domínio da História da Construção de matriz Portuguesa e Brasileira, pretende-se agora, com a realização do 3.º Congresso Internacional de História da Construção Luso-Brasileira na cidade de Salvador, estado da Bahia, no Brasil, consolidar um projecto científico cuja relevância para o estabelecimento e aprofundamento deste campo de conhecimento não é de mais salientar.

Com efeito, a realização do presente congresso, oportunamente estabelecido em torno de duas áreas temáticas complementares e de grande abrangência e interesse – materiais, técnicas e história da construção; e formação e disseminação do conhecimento técnico e científico –, espera-se que venha a constituir um momento privilegiado para a partilha de estudos e reflexões que, sem prejuízo da sua evidente utilidade, muito em particular, no domínio da conservação e reabilitação do património arquitectónico, constituem, per se, um acervo de conhecimentos cujo valor específico encontra expressão e reconhecimento nos vários congressos internacionais que, desde 1996 com a realização do Primer Congreso Nacional de Historia de la Construcción em Madrid, Espanha, se têm debruçado sobre temas que vão da história dos materiais e sistemas construtivos do passado, até à literatura técnica dispersa em tratados, manuais e publicações diversas, passando pela organização de estaleiros, entre muitos outros temas correlacionados.

O reconhecimento da existência de uma especificidade construtiva no que à Arquitectura Portuguesa e Brasileira diz respeito, perceptível também, de alguma forma, noutras regiões de África e da Ásia onde a presença portuguesa se fez igualmente sentir, dá todo o sentido a este esforço conjunto de arquitectos, engenheiros, historiadores, arqueólogos, sociólogos, entre outros, visando construir um campo de conhecimento multidisciplinar que, seguindo de perto experiências mais antigas e consolidadas entre tanto desenvolvidas noutros países da Europa, designadamente sob os auspícios das respectivas sociedades nacionais de História da Construção, tem como objecto central a história dos processos construtivos entre os dois países.

Visando promover a qualidade científica do congresso, o evento conta com uma ampla comissão científica, constituída maioritariamente por reputados membros de instituições brasileiras e portuguesas, mas também de outros países da América Latina, assim como com a participação de conferencistas de reconhecido prestígio académico e profissional.

Com a realização do 3.º Congresso Internacional de História da Construção Luso-Brasileira, sob a responsabilidade da Universidade Federal da Bahia e com a colaboração, no Brasil, do Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração e do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo e, em Portugal, do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da Universidade do Porto e do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, visa-se proporcionar uma oportunidade única para a apresentação e discussão de estudos e trabalhos versando os vários temas abordados no congresso, certos de que desta partilha resultará o desejado enriquecimento de todos os participantes, bem como da História da Construção em Portugal e no Brasil.

Nelson Pôrto Ribeiro
Presidente da Comissão Científica Brasileira
Universidade Federal do Espírito Santo

Rui Humberto Costa de Fernandes Póvoas
Presidente da Comissão Científica Estrangeira
Universidade do Porto

COMISSÃO ORGANIZADORA

Mário Mendonça de Oliveira (UFBA)
Presidente

Membros brasileiros

Alberto Borges Vieira Junior (UFBA)
Aline de Carvalho Luther (UFBA)
Ana Cristian Alves de Magalhães (UFBA)
Eliana Ursine da Cunha Mello (UFBA)
Elias José de Almeida Machado (UFBA)
Jardel Pereira Gonçalves (UFBA)
Karina Matos de A. Fadigas Cerqueira (UFBA)
Larissa C. Acatauassú Nunes Santos (UFBA)
Manuella Araújo de Souza (UFBA)
Maria Angélica Reis Schianta (UFBA)
Maria das Graças Rodrigues da Silva (UFBA)
Nelson Pôrto Ribeiro (UFES)
Renata Lucena Gribel (UFBA)
Rosana Muñoz (UFBA)
Sílvia Pimenta d’Affonsêca (UFBA)

Membros portugueses

Maria Clara de C. Pimenta do Vale (FAUP)
José Manuel Aguiar Portela da Costa (FAUL)
Rui Humberto C. de Fernandes Póvoas (FAUP)

Apoio Técnico

Alice Ivone da Silva Santos (UFBA)
Betina Kelly dos Santos Abreu (UFBA)
Janainna Santos Araújo Dias (UFBA)
Leticia Estrela Velame Cruz (UFBA)
Uine Tainan Gomes Araujo (UFBA)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Nelson Pôrto Ribeiro (UFES)

Presidente da Comissão Científica Brasileira

Rui Humberto Costa de F. Póvoas (FAUP)

Presidente da Comissão Científica Estrangeira

Membros brasileiros

Alberto Borges Vieira Junior (UFBA)
Ana Cristian Alves de Magalhães (UFBA)
Anna Beatriz Ayrosa Galvão (UFBA)
Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno (USP)
Cybèle Celestino Santiago (UFBA)
Eliane Aparecida Del Lama (USP)
Eugênio de Ávila Lins (UFBA)
Fernando Atique (UNIFESP)
Flávia Olegário Palácios (UFPA)
Günter Weimer (UFRGS)
José Simões de Belmont Pessôa (UFF)
Julio Cesar Ribeiro Sampaio (UFRRJ)
Larissa C. Acatauassú Nunes Santos (UFBA)
Leonardo Barci Castriota (UFMG)
Luciene Pessotti Souza (UFES)
Luiz Antônio Cruz Souza (UFMG)
Luiz Antonio Fernandes Cardoso (UFBA)
Manuella Araújo de Souza (UFBA)
Márcia Genésia de Sant'Anna (UFBA)
Marco Antônio Penido de Rezende (UFMG)
Marcos Tognon (UNICAMP)
Maria Herminia Olivera Hernandez (UFBA)
Maria Luiza M. Xavier de Freitas (UFPE)
Mário Mendonça de Oliveira (UFBA)
Nivaldo Vieira de Andrade Júnior (UFBA)
Paulo Ormino David de Azevedo (UFBA)
Regina Andrade Tirello (UNICAMP)
Renata Hermann de Almeida (UFES)
Rodrigo Espinha Baêta (UFBA)
Rosana Muñoz (UFBA)
Roseane da Conceição Costa Norat (UFPA)
Rosina Trevisan Martins Ribeiro (UFRJ)
Thais Alessandra Bastos C. Sanjad (UFPA)

Membros estrangeiros

Ana Luísa Pinheiro L. Velosa (UA-PORTUGAL)
Aníbal Guimarães da Costa (UA-PORTUGAL)
Arnaldo Rui A. de Sousa Melo (UMINHO-PORTUGAL)
Domingos Manuel Campelo Tavares (FAUP-PORTUGAL)
Eduarda Silva Vieira (UCP-PORTUGAL)
Hélder Alexandre Carita Silvestre (UNL-PORTUGAL)
Joaquim José Lopes Teixeira (FAUP-PORTUGAL)
Jorge Tiago da Silva Pinto (UTAD-PORTUGAL)
José António Raimundo M. da Silva (FCTUC-PORTUGAL)
José Delgado Rodrigues (LNEC-PORTUGAL)
José Manuel Aguiar Portela da Costa (FAUL-PORTUGAL)
Juan Ignacio del Cueto (UNAM-MÉXICO)
Luis María Calvo (FADU-UNL- ARGENTINA)
Madalena Cunha Matos (FAUL-PORTUGAL)
Manuel António Matos Fernandes (FEUP-PORTUGAL)
Maria Clara de C. Pimenta do Vale (FAUP-PORTUGAL)
Maria do Carmo Ribeiro (UMINHO-PORTUGAL)
Mariana Rita Roberto Rosado Correia (ESG-PORTUGAL)
Mónica Cejudo Collera (UNAM-MÉXICO)
Paulo José Brandão B. Lourenço (UMINHO-PORTUGAL)
Rafael de Faria Domingues Moreira (UNL-PORTUGAL)
Rui Fernando de Jesus B. Tavares (FAUP-PORTUGAL)
Soraya de Fátima Mira G. M. Genin (ISCTE-PORTUGAL)
Teresa Cunha Ferreira (FAUP-PORTUGAL)
Virginia Flores Sasso (PUCMM-REP. DOMINICANA)
Virgolino Ferreira Jorge (U.ÉVORA-PORTUGAL)



RAUL LINO, DE PARIS 1900 A LISBOA 1940: OS PAVILHÕES DE PORTUGAL E DO BRASIL NA DISCUSSÃO POR UMA ARQUITECTURA MODERNA VERNÁCULA

Garrido de Oliveira, Carla

CEAU-FAUP, carla.garrido@arq.up.pt

RESUMO

Toda a obra de Raul Lino se concentrou no problema da 'casa portuguesa' –i.e., o problema das 'casas nacionais', principiado na transição de Oitocentos para Novecentos e continuado por todo o século XX, na procura por uma expressão simultaneamente moderna e vernácula na arquitectura. A sua primeira proposta profissional, o pavilhão português na Exposição Universal Paris 1900 e apesar de vencida em concurso, alimentou a discussão em Portugal, confrontando aqueles que aceitavam a influência francesa, e uma minoria informada nas modernas correntes anglo-saxónicas e germânicas nas quais este arquitecto se formara. Quatro décadas depois, após recente viagem ao Brasil, é autor da obra do pavilhão deste país, representado em 1940 em Lisboa na Exposição do Mundo Português. Se no primeiro procurava elaborar uma síntese arquitectónica entre as modernas influências europeias de então e as coisas antigas da paisagem e da cultura portuguesas, no segundo procurará síntese análoga, desta feita entre as novidades construtivas e materiais e a intensidade e vitalidade que observara nas gentes e paisagens brasileiras. Se ambas as propostas se distanciam no tempo e nas culturas que procuravam traduzir, liga-as contudo uma perspectiva convergente no que respeita à incorporação do símbolo na própria construção, convertido em ornamento intrínseco – mais empático no pavilhão português em Paris, mais tendente a uma abstracção no pavilhão brasileiro em Lisboa. Breves excursos pontuam ainda o problema moderno de uma expressão arquitectónica 'apropriada', situada ou vernácula: um primeiro, por 1908, lança um olhar sobre o papel transmissor de Ricardo Severo para a discussão de uma 'casa brasileira'; um mais próximo interroga o pavilhão português na Expo1998, de Álvaro Siza, a partir de certas similitudes compositivas entre os dois pavilhões em Lisboa, abrindo ao problema da 'citação' no processo de projecto, invenção-em-continuidade na (história da) arquitectura.

Palavras-Chave: Raul Lino; *Auriverde Jornada* 1935-37; Exposição Universal Paris 1900; Exposição do Mundo Português Lisboa 1940.

ABSTRACT

Raul Lino's entire work focused on the problem of the 'Portuguese house' -ie, the problem of 'national houses', begun in the transition from the nineteenth to the twentieth century and continued throughout the twentieth century in the quest for a modern and vernacular expression in architecture. His first professional proposal, the Portuguese pavilion at the Universal Exhibition Paris 1900 and despite losing the competition, fed the discussion in Portugal, confronting those who accepted the French influence, and a minority informed in modern Anglo-Saxon and Germanic currents in which this architect was formed. Four decades later, after a trip to Brazil, he authors the pavilion of this country, represented in 1940 in Lisbon at the Portuguese World Exhibition. If in the former he sought to elaborate an architectural synthesis between the modern European influences of that time and the old things of the Portuguese landscape and culture, in the second he will look for an analogous synthesis, this time between the constructive and material novelties and the intensity and vitality he had observed in the people and Brazilian landscapes. If both proposals distance themselves in time and in the cultures they sought to translate, a convergent perspective connects them whilst incorporating the symbol into the construction itself, converted into an intrinsic ornament - more emphatic in the Portuguese pavilion in Paris, more tending towards a abstraction in the Brazilian pavilion in Lisbon. Brief reflexions about the modern problem of an 'appropriate' architectural expression, contextual or vernacular: the first, in 1908, casts a look at the transmitting role of Ricardo Severo to the discussion of a 'Brazilian house'; other more recent, interrogates the Portuguese pavilion in Expo1998, by Álvaro Siza, induced by certain compositive similarities between the two pavilions in Lisbon, opening to the problem of 'quotation' in the process of project, invention-in-continuity in (the History of) Architecture.

Keywords: Raul Lino; *Auriverde Jornada* 1935-37; Universal Exhibition Paris 1900; Exhibition of the Portuguese World Lisbon 1940.

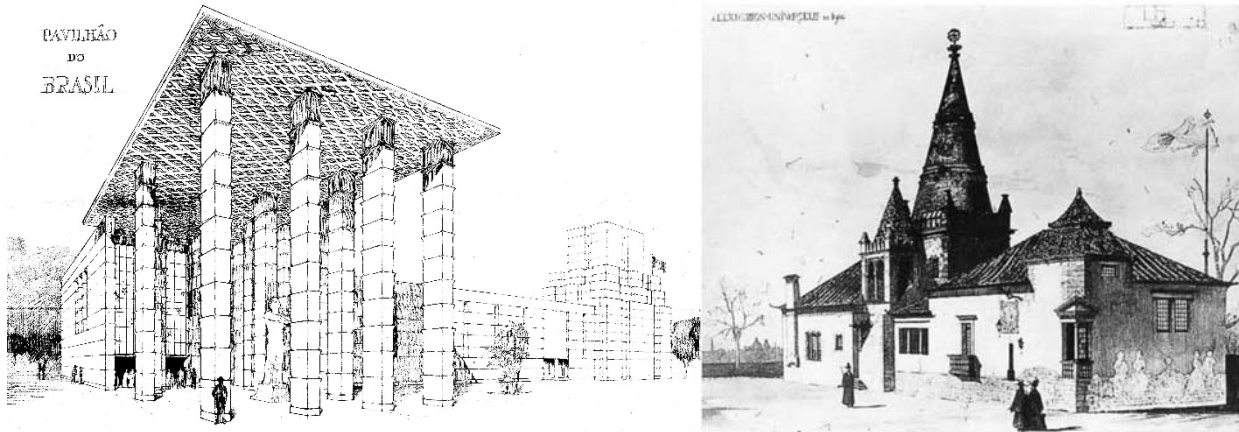


Figura 01: Pavilhões de Raul Lino: do Brasil em Lisboa, 1940 (demolido), de Portugal em Paris, 1900 (proposta)
Fonte: FCG RL417; Henriques da Silva, 1997, p. 147

0. INTRODUÇÃO

O paralelo proposto visa explorar a evolução das ideias de Raul Lino (1879-1974), ao longo de quatro décadas, relativamente àquele que foi o seu primeiro e principal desiderato de espírito moderno: a reforma da ‘casa’, no sentido lato e ontológico de construção –e assim e por extensão da arquitectura–, elaborando hipóteses de síntese morfológica e de linguagem, entre a crescente universalidade de influxos externos e o sentido de empatia e pertença a um lugar –ou, em outros termos, entre uma padronização transnacional, tanto de programas como de técnicas e sistemas, e a potência das especificidades locais.

Se o programa de um pavilhão expositivo propicia até, por um lado, o predomínio de uma aproximação mais racional e abstracta no que ao sentido de uma relação com o lugar diz respeito, por outro, é na expressão falante e empática da linguagem arquitectónica que converge toda a carga representativa e simbólica do objecto em exposição –um tema, cultura, região ou país.

Entre 1899 e 1939, datas dos dois projectos de Raul Lino em análise –entre vários outros de similar carácter representativo ou monumental desenvolvidos ao longo da sua longa vida–, propomos algumas derivações que permitam uma certa perspectiva panorâmica sobre como permanecem e evoluem os temas e problemas em questão, incluindo mesmo os posicionamentos relativamente às condições (ex-)coloniais. A primeira paragem, a propósito da representação portuguesa na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, 1908, lança um olhar sobre o papel transmissor de Ricardo Severo (1869-1940) para a discussão de uma ‘casa brasileira’. Segue-se a proposta de Raul Lino apresentada na Exposição Colonial do Porto, 1934, correspondendo a um ensaio de tipificação tendo por base o emprego de um moderno produto construtivo –o fibro-cimento–, encomenda da primeira fábrica de produção portuguesa, a ‘Lusalite’, fundada no ano anterior, e que será o material de revestimento de eleição no pavilhão de 1940. A terceira divagação, de particular relevância para o projecto deste último, incide na viagem de Raul Lino ao Brasil em 1935, incluindo os seus (des)encontros com Lúcio Costa (1902-1998). Por fim, já em jeito de epílogo e em convergência presente, propomos um olhar sobre o pavilhão português na Exposição Mundial de Lisboa, 1998, de Álvaro Siza, a partir de certas similitudes compositivas entre ambos os pavilhões à beira-Tejo, enunciando a ‘citação’ como operador projectual simultaneamente de memória e de (re)-invenção, i.e, a disponibilidade moderna das *nossas coisas antigas* em permanente metamorfose.



Foi um atrevimento apresentar um projecto de pavilhão inspirado em estilos portugueses de várias épocas, combinados numa composição, verosímil e bastante harmoniosa, em que sobressaem reminiscências amouriscadas do nosso Alentejo. (Lino, 1969, p. 29)

[O] jovem discípulo de Haupt apresentou um traçado inteligente e digno, inspirado nas estruturas do Renascimento, [...] sóbrio, ainda um tanto marcado por reminiscências eruditas. (França, 1970, p. 84)

Embora constituído a partir de elementos díspares de exemplos de arquitectura nacional, o pavilhão apresenta uma certa unidade formal e uma grande frescura inventiva. (Vieira de Almeida, 1970, p. 136)



Figura 02: Exposição Universal de Paris 1900, proposta para o Pavilhão de Portugal, Raul Lino 1899.

Fonte: Henriques da Silva, 1997, p. 147 (cima-esquerda); *Portugal 1900*, 2000, p. 235, 453

1. PARIS 1900 E O PROBLEMA ‘INTERNACIONAL’ DAS ‘CASAS NACIONAIS’

Formado entre a Inglaterra e a Alemanha desde 1890, Raul Lino regressa a Portugal em 1897 e em 1899, com tão-somente vinte anos, apresenta uma proposta no concurso para o pavilhão português, destinado a representar o país na Exposição Universal de Paris 1900. Entre *A Arquitectura da Renascença em Portugal* que apreendera através de Albrecht Haupt, agora *correndo e palmilhando a região saloia e o Sul portuguesas* (Lino, 1969, p. 29), sentindo pelos próprios olhos e meditando com a Natureza e pelo desenho, trabalhando já nas oficinas e empresa de materiais de construção do pai, e desenvolvendo os primeiros trabalhos profissionais, Raul Lino compõe na proposta a concurso uma primeira síntese arquitectural, em que os volumes simultaneamente se evidenciam e concatenam num todo; a mesma complementaridade ocorre com o vocabulário de formas e elementos ornamentais aqui reunido, citação arquitectónica de diversos tempos, e que persistirá enquanto ideário imagético no seu percurso, numa experimentação que além do mais bem se adequaria ao festivo de um pavilhão celebrativo.



Efectivamente, o projecto elabora evidentes citações arquitectónicas, desde o Paço Real de Sintra, a composições arquitecturais e ornamentais de Évora ou Vila Viçosa, muitas delas registadas na investigação de Haupt, imprimindo no projecto de Raul Lino a “vibrante emoção tradicional com que fora concebido”. (Lino, 1969, p. 29) Desde logo, neste primeiro ensaio profissional, Raul Lino expressa o seu entendimento arquitectónico, tanto metodológico quanto significativo: a história, na sua evolução arquitectural e ornamental, constitui matéria de projecto, propositiva na maneabilidade dos estilos de várias épocas, ao invés de um léxico de fragmentos arqueológicos e estilísticos; neste entendimento o desenho, que Raul Lino manuseia nessas incursões pelo país vernáculo, é instrumento de investigação no conhecimento concreto da (história da) arquitectura.

Sublinhando o sentido de conjunto, Pedro Vieira de Almeida não deixa porém de aludir a uma estratégia compósita, apontando uma abordagem ainda um pouco literal –que marca aliás alguns dos primeiros projectos de Raul Lino, de entre as quase duas dezenas publicados em *A Construção Moderna* entre 1900 e 1904. Ainda assim, Vieira de Almeida considera “menos correcto o julgamento sumário de J.A. França quando em 1967 em *A Arte em Portugal no Séc. XIX* –p.142 [... refere o pavilhão] de Raul Lino fazendo mistura de elementos tradicionais de casas das províncias do país se não inspirados primariamente na torre de Belém.” (Vieira de Almeida, 1970, p. 186 nota 34) De facto, em 1970 José-Augusto França veicula uma interpretação mais justa de harmonia, subordinando certas reminiscências a uma unidade estrutural; ao deixar cair a referência específica a um monumento, França aproxima-se do moderno problema edificatório da viragem para Novecentos, focado no problema da reforma da casa e das expressões regionais –como era então discutido na Europa, particularmente central e setentrional e largamente a partir do contributo dos pioneiros modernos da ‘casa inglesa’–, procurando ultrapassar a discussão ‘epidérmica’ de estilos e revivalismos históricos. Ultrapassando também a ideia de uma transposição de *elementos das casas das províncias*, em 1970 França sublinha as “reminiscências eruditas” (p. 84), colocando assim a aproximação de Raul Lino ao problema de uma ‘casa portuguesa’ em paralelo com aquela pioneira empreendida por etnólogos e arqueólogos ao longo da última década de Oitocentos. Assim, a estratégia arquitectónica de Raul Lino, sendo compósita, não é arqueológica mas antes projectual.

A referência de J.A. França a *estruturas do renascimento* convoca também o objecto de investigação de Albrecht Haup –“querido mestre” de Raul Lino (Lino, 1933, p. 11)– que, e considerando o manuelino já como uma das expressões de uma renascença portuguesa, constitui não só um período de renovação como aquele em que emerge a cultura moderna de habitar, colocando preocupações com a vida quotidiana a par de programas ‘públicos’, de excepção ou celebrativos. À distância de quatro séculos, para Haupt como para Lino, compreender as arquitecturas antigas –ou a linha evolutiva da história da arquitectura– não implicava necessariamente ser historicista ou arqueológico, como não o foram os arquitectos e construtores que a cada momento as edificaram. Aliás, a senda dos eclectismos estilísticos da segunda metade do século XIX conduziu a dimensão representativa da arquitectura ao problema do ‘estilo’ como língua própria ou apropriada a condições vernáculas, muito para além de quaisquer codificações de linguagem. Alargando ao universo mais vasto e evolutivo da história da arquitectura, tanto portuguesa como europeia, antiga como então contemporânea, firmam-se algumas das premissas da proposta reformadora de Raul Lino: mesmo vindo a sua obra a incidir sobretudo sobre a casa de habitar, esta é primeiramente edificação e nesse sentido para repensar o processo de concepção arquitectónica torna-se relativamente irrelevante tratar-se de uma habitação, escola ou monumento. Esta perspectiva de casa-construção-arquitectura permitiria assim questionar os revivalismos historicistas do século XIX, que encontravam campo de ‘associação’ ideológica na arquitectura monumental; propondo um pavilhão expositivo como uma casa, Raul Lino propunha o ‘estilo’ da casa-construção, assente na procura das qualidades de localidade, conforto e acolhimento, predominantemente compreensíveis na domesticidade; e de facto, a habitação principiava a ser um campo central da encomenda arquitectónica. O projecto de Raul Lino para um monumento, mesmo que efémero como o seria um pavilhão celebrativo, era portanto uma casa –um paço ou uma *villa* periurbana–, reflectindo a inspiração em vários e determinados períodos, temas e materiais arquitectónicos, no que poderemos considerar como um ‘eclectismo metodológico’, ao invés dos histórico-estilísticos dessa segunda metade de Oitocentos; neste caso e programaticamente, tratar-se-ia ainda de uma casa-construção *portuguesa*, em língua própria ao país que representava.



A iniciativa foi arrojada, mas o terreno não estava por cá ainda preparado, e mesmo que estivesse! –Ficou como era natural desclassificado, mas foi motivo de caloroso aplauso para Rafael Bordalo Pinheiro que o estampou no primeiro número da sua revista «A Paródia». O concurso foi ganho por Ventura Terra, que com o seu feitio e a sua experiência apresentou uma construção típica francesa daquela época, de correcta composição escolar destituída, já se vê, da mínima feição que fizesse lembrar Portugal. [...] Ainda pensei em praticar durante uns tempos no «atelier» do arquitecto Ventura Terra; abeirei-me dele, mas não cheguei a falar nisto porque não lhe via, nem de longe, o interesse e o magnetismo que me haviam seduzido na pessoa de Albrecht Haupt (Lino, 1969, p. 29).

Grande era a discordância no que respeita aos referentes culturais entre Raul Lino e Ventura Terra (1866-1919).¹ Contudo, o problema das divergências arquitectónicas entre ambos residiria não propriamente na aceitação de referenciais estrangeiros, que Raul Lino também defendia, mas sim no processo da sua selecção e incorporação, naturalmente consequência da adesão de cada um aos respectivos contextos formativos. O que distingue a abordagem de ambos é sobretudo de natureza metodológica, consistindo no propósito cultural e no sentido de medida, adequação e síntese entre os influxos externos e os referentes locais, estes últimos aqueles que prevaleceriam para Raul Lino no projecto e *feição* da obra.

No âmbito da representação portuguesa na Exposição Universal de Paris 1900, fora aberto concurso para dois pavilhões: “o pavilhão colonial e o das mattas, caça e pesca.” (*O Occidente* 753, 30 Nov. 1899, p. 262) Ventura Terra venceu em ambas as categorias: com uma imponente proposta neo-românica –ou romano-bizantina– no primeiro caso, com um “simples anexo” no segundo.² De Raul Lino apenas se conhece uma proposta, que corresponderá ao segundo pavilhão, designado genericamente como pavilhão de Portugal –assim e aparentemente não subscrevendo a afirmação política do país como potência colonial. Rafael Bordalo Pinheiro elogiará este projecto –constituindo o primeiro apoio público a Raul Lino–, criticando simultaneamente a escolha dos dois pavilhões de Terra no jornal humorístico e ilustrado *A Paródia*; associando o das colónias à arquitectura fúnebre de um jazigo e o segundo à serventia de um sanitário,³ em ambos visa a importação acrítica de estrangeirismos, fosse o academismo das *Beaux-Arts*, fosse a banalização técnico-comercial e descaracterizadora da importação de *chalets*.

Já no ano seguinte ao da exposição, também José de Figueiredo criticará duramente tanto as opções de base da representação portuguesa como a escolha do júri para os nossos pavilhões, como ainda, e consequentemente, a sua concepção arquitectónica. A sua crítica, traduzindo as suas convicções, propunha: [i] a opção pelo românico para a “linha geral” do pavilhão de Portugal, localizado junto dos demais pavilhões nacionais; [ii] rejeitando a “escolha do estylo manuelino” para o pavilhão nacional, admitia contudo que para o pavilhão das colónias, aí sim, pelo simbolismo da expansão colonizadora, dever-se-ia ter “antes inspirado nos caracteres que, melhor e mais accentuadamente, marcam o convento dos jeronymos e a torre de Belém”;⁴ mas, e por fim, [iii] “o grande ideal era realmente este: a construcção d’um só pavilhão”, como o fizeram “a Hungria, a Hespanha, a Allemanha, e a maior parte dos outros paizes”; a construção do das colónias constituiria *um luxo apenas se o orçamento o permitisse*. (Figueiredo, 1901, p. 18, 18, 25, 22-24)

¹ Esta dicotomia é explorada por Rui Ramos em “Ser moderno em 1900” e “Disponibilidade moderna”, 2009 e 2010, respectivamente.

² “É bem elaborado, aproveitando muito bem o elemento decorativo dos azulejos. Talvez um pouco pobre e de construção levíssima, não é tão imponente como o pavilhão colonial, mas como simples anexo mereceu a preferência.” (*O Occidente* 753, 30 Nov. 1899, p. 263) A proposta para o pavilhão das colónias afigura-se a um ensaio-variação ao projecto para o grande Templo de Santa Luzia, Viana do Castelo, encomenda de Agosto de 1899.

³ “O lindo projecto de casa typica portugueza, do sr. Raul Lino. –Não foi acceite pela comissão, a qual deu todos os seus sufrágios ao *Water-closet* [cosmopolita] publicado no numero anterior. [...] Jazigo das Colonias portuguezas: Aqui jazem Duzentos Contos” (*A Paródia* 2, 24 Jan. 1900, p. 11).

⁴ Assim, não é exacto que “the historian José de Figueiredo, member of the organizing committee for the Portuguese representatives said that the Portuguese pavilion in an international exhibition should be in the Manueline style so that it could represent Portuguese architecture as evocatively as possible.” (Rodrigues, 2012, p. 30) Veja-se ainda Guerreiro, 1995, p. 84-86.



De facto, a afirmação como potência colonial caberia ao anfitrião, a França, pelo que o protagonismo pretendido com o pavilhão colonial português no Quai d'Orsay estava condenado à partida; e considerar o pavilhão nacional como mera representação 'comercial' ditou que fosse ignorado entre os demais pavilhões presentes na Rua das Nações, onde se observavam manifestações de toda a ordem em torno de formas e expressões locais –“a Rua das Nações resultava quase toda ela deste nacionalismo cultural que se confundia muitas vezes com o nacionalismo ideológico e político”. (Guerreiro, 1995, p. 84-86) Pese o efeito feérico do conjunto, colocava-se a problemática das *casas nacionais* (Rosmaninho, 2002-03, p. 225-250), fosse como problema construtivo –na premência de novos materiais e sistemas–, como problema 'social' –na 'emergência' da encomenda burguesa como nas condições da habitação operária–, como e sobretudo enquanto problema artístico e cultural na procura por um 'estilo' ou expressão 'local', próprio e moderno. Se na discussão confluíam –e muitas vezes se confundiam– as dimensões política, histórica, etnográfica e mesológica com a premente dimensão inventiva e projectual, para Raul Lino o problema de uma casa portuguesa fora desde o primeiro instante e primeiramente um problema de (cultura arquitectónica do) projecto.⁵

Foi a primeira vez que a representação de cada país foi individual e isoladamente alojada em pavilhões nacionais autónomos, em oposição aos espaços partilhados de Londres em 1851. Este novo modelo foi tentado em Paris em 1867, mas na exposição de 1900 acentuar-se-iam as diferenças nas imagens que cada país desejava transmitir. (Pereira, 2000, p. 233)

A exposição de 1900, mesmo na arquitectura efémera e potenciando a afirmação das identidades nacionais própria das exposições, reflecte bem a problemática da casa-construção e da cultura do habitar. Neste enquadramento, a opção político-cultural da arquitectura de muitos dos pavilhões é afirmar a sua identidade, a(re)presentando-se cada país através de uma selecção das suas particularidades arquitectónicas construtivas e domésticas, antigas como modernas, focando assim o problema da 'localidade' e conforto da 'casa', centro da discussão da renovação arquitectónica desta viragem de século –demonstrando assim a novidade e coetaneidade da proposta de Raul Lino, face à opção oficial da representação portuguesa enveredando por um 'internacionalismo' acrítico como afirmação de progresso. A proposta de Raul Lino para o pavilhão de Portugal, formado no centro da Europa e querendo ser português, será tão europeia e moderna como os pavilhões de Inglaterra, Alemanha ou Finlândia.⁶

2. 1908, ENTRE PORTUGAL E BRASIL, A PASSAGEM DE RICARDO SEVERO

Ha annos, um dos nossos mais notaveis homens de sciencia, Ricardo Severo, mandou construir na tranquilla rua do Conde, no Porto, a sua casa de habitação, e como aquelle illustre director da Portugalia possui, além de vastos conhecimentos archeologicos, uma delicada sensibilidade artistica, conjugou, adaptando-os á construcção e condicionando-os ao viver actual, os mais encantadores elementos tradicionaes arrancados aos exemplares archaicos que restam do viver d'outrora [...]. Reunindo a tradição ás impossibilidades modernas, não pretendeu exemplificar um typo historico e invariavel de habitação regional, mas reunir num schema do nosso tempo tudo o que as suas viagens pelo país lhe sugeriram de bello, de pitoresco e de logico: é por isso um dos mais inteligentes tentames no sentido de dar á casa portuguesa sabor local, poesia e conforto. Não esqueçamos as sympathicas tentativas do architecto Raul Lino, e o projecto da casa O'Neill, em Cascaes, repassada de sabor historico, devida á rica fantasia do distincto pintor Francisco Villaça. (Barreira, 1908, p. 170-172)

⁵ Divergimos assim e em certa medida da consideração de Rui Ramos, de que “[a] problemática da Casa Portuguesa é então um sintoma (França, 1970)”. (Ramos, 2013, p. 576) Na nossa perspectiva disciplinar, consideramos tratar-se não de um sintoma mas de um problema arquitectónico, nuclear e imanente, ainda que necessariamente informado por tais e sucessivas condições contingentes, bem como sujeito a enviesamentos e apropriações político-nacionalistas.

⁶ Como de diversos outros países ou representações autónomas, mais 'pequenos' ou 'excêntricos', como a própria Finlândia ou a Bósnia-Herzegovina, em que “todos visavam a casa como obra de arte total.” (Guerreiro, 1995, p. 66)

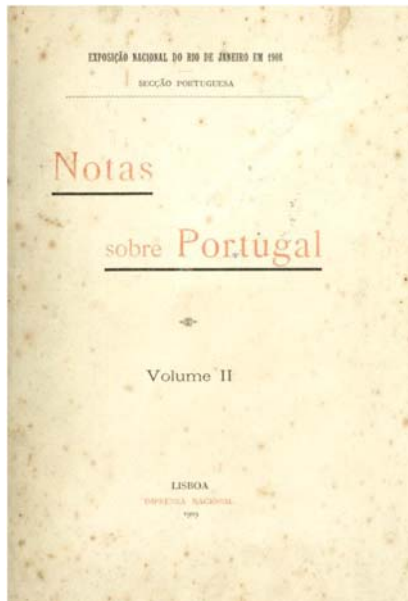


Figura 03: *Notas sobre Portugal*, vol.II, representação portuguesa na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, 1908.
Fonte: Barreira, 1908, p. 147, 177

A propósito da participação portuguesa na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, decorrida em 1908,⁷ são publicadas as *Notas sobre Portugal*, em dois volumes, no segundo dos quais constam vários trabalhos dedicados à vida, paisagens e produção artística portuguesas. “A Habitação em Portugal”, de João Barreira, médico e crítico de arte, sucedendo ao trabalho de Rocha Peixoto de 1904, “Casa Portuguesa”, constituía nova tentativa de sistematização dos diversos estudos realizados desde a década de 1890 em torno da questão da casa portuguesa. Ainda que mantenha uma abordagem etnográfica, a perspectiva de João Barreira é mais abrangente que aquela de Rocha Peixoto, apresentando uma dimensão histórico-artístico atenta ao panorama internacional, permitindo-lhe certa consideração das influências externas.

O texto de 1908 polariza-se entre duas ideias: a de uma genuinidade primeva do habitar e do acto construtivo, inserindo-se o caso português nas circunstâncias próprias dos territórios europeus meridionais e mediterrânicos, associando ainda a inelutabilidade das condições geoclimáticas às expressões construtivas mais rústicas; e a miscigenação artística por via de influências estrangeiras – não apenas mas predominantemente eruditas e que Barreira não deixa de considerar como um corrompimento da espontaneidade primigénia, ainda que de modo menos intransigente do que Rocha Peixoto. Constituindo um estudo-ensaio mais estruturado e melhor dominando a complexidade do problema do habitar – entre condições e expressões mesológicas, acertando algumas das distinções entre formas rurais e urbanas e os processos de miscigenação das influências externas –, a relevância deste texto de João Barreira para o problema da casa portuguesa prende-se com a inserção destacada da casa de Ricardo Severo no fio cronológico da evolução da habitação portuguesa, na linha de vários exemplos antigos divulgados nos inúmeros trabalhos e campanhas artístico-etnográficos de então, isto por um lado; por outro, pelo facto de apenas nomear Raul Lino de passagem, logo abreviado pela referência a Francisco Vilaça. Se em 1908

⁷ O Brasil comemorava então “o centenário da abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional. Portugal foi a única nação a ser convidada a participar, revestindo-se da maior importância diplomática e económica”; o pavilhão neo-manuelino, com projecto de Izidro Monteiro, foi oferecido pelo Brasil mas, perante o largo número de interessados em expor os seus produtos, foi necessária “a cedência de mais espaço, para que o governo português pudesse construir outro pavilhão”. (Santos, 1999, p. 14, 73) Na secção de arquitectura, entre outros, apresentara-se ‘Lino’, provável Raul Lino uma vez que ‘Lino de Carvalho’ é assim referido, ainda que numa outra secção. No volume I de *Notas sobre Portugal*, em “VIII. Breve notícia sobre alguns materiais de construção, não metálicos, nacionais” (p. 161-179), a empresa J. Lino –pai de Raul Lino– é referida *entre as que fabricam ou exportam cal*, as que *preparam cantarias, mármore e alabastros* –com o destaque se ser uma das providas de *serrarias a vapor*–, e as que *manufacturam ladrilhos mosaicos hidráulicos*.

Raul Lino era já autor de diversas obras e projectos, nomeadamente o referido conjunto publicado em *A Construcção Moderna* no período 1900-1904, subscrito em 1902 por três artigos de D. José Pessanha e configurando intencionado *movimento* ou *campanha* de renovação arquitectónica, em 1904 Rocha Peixoto confere uma condição modelar à casa de Ricardo Severo no Porto, protagonismo este reafirmado por João Barreira em 1908, para a mesma e única obra de relevo de Severo, apresentada como o elo mais recente na história da habitação em Portugal.

Para além da participação cultural e política de Ricardo Severo até então –mais do que em âmbito arquitectónico, no dos trabalhos etnográficos, como largamente sublinhado por Joaquim de Vasconcelos–, um outro facto social enquadra tal exacerbar de protagonismo: o engenheiro regressava nesse mesmo ano de 1908 ao Brasil, para aí se instalar definitivamente.⁸ Atendendo aos propósitos não apenas diplomáticos mas também económicos da participação portuguesa na Exposição do Rio de Janeiro, é óbvio o intuito de credibilização profissional de Severo no que respeita à construção doméstica. Tornando-se sócio do arquitecto Ramos de Azevedo logo em 1908, inicia-se então plenamente a sua actividade como engenheiro-gestor-arquitecto,⁹ transportando consigo a questão da ‘nacionalização’ da casa, i.e., do problema de uma expressão vernácula na arte edificatória, sempre com uma dimensão política mas primeiramente disciplinar e que, no caso brasileiro, se revestia das tensões e clivagens inerentes à discussão das condições pré e pós-colonial, a que se somava o processo de consolidação da república.

Não cabendo aqui detalhar convergências e diferenças entre as perspectivas de Rocha Peixoto e João Barreira, atente-se à comum consideração do “pormenor decorativo, [pois] esse é que oferece uma abundante variedade de motivos locais, e é principalmente a elle que devemos ir buscar a pedra de toque de onde irradia a expressão regional da casa portuguesa, pois é elle que lhe imprime caracter e lhe dá vida nossa [...] o ornato é o elemento mais espontaneo e mais intimo da construcção domestica”. (Barreira, 1908, p. 177-178) E aqui, se tanto João Barreira como Raul Lino coincidiam no simbolismo do ornamento, divergiam porém nas suas geratrizes: à abordagem colecionista primeiramente defendida por Rocha Peixoto –assente na (re)produção mimética de fragmentos efectivamente existentes, e estratégia para a qual apresentava como único e modelar exemplo a casa de Ricardo Severo–, a ‘invenção por inspiração’ de Raul Lino aproximava-se de um processo de abstracção por analogia e afinidades.¹⁰ Para este *artista-arquitecto*, o ornamento deriva de problemas construtivos, inspirados na paisagem –região e cultura– e no ‘programa’ do cliente –propósito explorado nos inúmeros projectos e obras que então já desenvolvera. E se na proposta para o pavilhão de Paris 1900 é de facto possível apontar uma certa literalidade das referências, próxima de um eclectismo formal, ao longo das duas décadas seguintes pratica um eclectismo metodológico,¹¹ assente na ideia moderna de (processo de) projecto. Contrapondo a proposta de Rocha Peixoto de um *hibridismo etnológico e arqueográfico* (1904, p. 189), logo em 1906, a casa dos Patudos será publicada como uma casa *sem estilo, sugestão sinérgica da paisagem, efeito lógico e natural de quem a habita e do território que ocupamos*.¹² Em toda a obra de Raul Lino o problema construtivo do ornamento será uma constante e irromperá com excepcional expressão no pavilhão do Brasil na Exposição do Mundo Português em 1940, adiante desenvolvido.

⁸ Ricardo Severo exila-se no Brasil aproximadamente no período 1891-1898 –aí casando em 1893–, consequência da sua activa participação na revolta republicana de 1891 no Porto –tal como, e por exemplo, Carlos Malheiro Dias e Ramalho Ortigão. (Silva, 2006, p. 10-11) “Já outra vez no Porto, inicia, em 1899, a publicação da revista *Portugália*, mas em 1908 tem de voltar ao Brasil, devido a dificuldades financeiras, aí permanecendo até a data de seu falecimento, em 1940.” (Mascaro, Bortolucci, Lourenço, 2011: p. 105)

⁹ Joana Silva relaciona uma propensão administrativa com a formação de base de Ricardo Severo (2006, p. 10-11), *engenheiro civil de obras públicas (1890) e de minas (1891) pela Academia Politécnica do Porto*.

¹⁰ “[É] perfeitamente justificável que procuremos encontrar meios de transpôr para a nossa habitação de hoje elementos produtores de quaisquer impressões que nos encantem nas casas de outros tempos, –afinidades, reflexos apenas–; nada de copiar porém, que o copiar, a não sêr durante os exercícios de aprendizagem, é improdutivo; [...] queremos é o reconhecimento do que é essencial, [...] para assim podermos caminhar criando alguma coisa também e não nos enredarmos apenas no retrilhar de fórmulas invariáveis e portanto estéreis.” (Lino, 1918, p. 27-28)

¹¹ A partir de Domènech i Montaner, “En busca d’una arquitectura nacional”, *La Renaixença* 4, 1878, p. 149-160.

¹² “Que estylo se exigiu para a nova construcção? Rigorosamente nenhum: nem ha, a falar verdade, um estylo typico, definido, nacional.” (Silva Bastos, 1906: 698-704)



Em nossa perspectiva, entre 1904 e 1909 o círculo português de Rocha Peixoto, Ricardo Severo e João Barreira intervém de modo determinante na questão da casa portuguesa, fixando uma abordagem e um modelo. Nesse mesmo período Raul Lino e os seus apoiantes reagem procurando resgatá-la novamente para o âmbito do projecto arquitectónico, como defendiam desde 1900, colocando a casa portuguesa ‘em movimento’: afirmam a sua inexistência prévia como modelo-padrão e desvinculam-na –pelo menos nesse momento– de propósitos nacionalistas, propondo-a como invenção artística moderna. Mesmo que, ou precisamente porque inspirada nas múltiplas variações antigas que não permitiam estabelecer um modelo, tal invenção traduzia-se em princípios constantes, observáveis nas múltiplas variações formais que as obras de Raul Lino exemplificam.

“[D]ifusor das ideias que fomentaram um movimento de renascimento arquitectónico, que buscava empregar as raízes da arquitetura colonial e barroca, o posteriormente chamado “movimento neocolonial” (Mascaro, Bortolucci, Lourenço, 2011, p. 105), Ricardo Severo passara contudo um período considerável no Brasil ainda na década de 1890, pelo que as autoras discutem a hipótese de “uma influência da arquitetura colonial brasileira já na primeira casa construída por Severo” no Porto. (2011, p. 107-108) Plausível, esta proposta é contudo circunstancial, podendo ser enquadrada no mais abrangente, mútuo e múltiplo quadro de influências entre os dois lados do Atlântico, ao longo de vários tempos, desde o período barroco até ao que sucederia ao longo do século XX, tanto por força de movimentos migratórios, em expressões mais populares, como por via da emergência de um modernismo brasileiro. Na perspectiva deste artigo, mais do que estabelecer paralelos formais, importa relevar o papel providencial de Ricardo Severo na irmanação metodológica da problemática de uma ‘casa’ moderna vernácula,¹³ i.e., a procura de uma expressão construtiva própria a um lugar para problemas programáticos e técnicos que cada vez mais o(s) transcendiam –e, pela própria essência do problema, os processos de síntese seriam e foram ‘forçosamente’ muito diferentes, por vezes até contingentemente ‘inversos’ ou espelhados.

Em 1929, contando duas décadas de profundas alterações tanto globais como nacionais, já em período de Ditadura Militar (1926-1933), e também a propósito de uma exposição, a *Ibero-Americana de Sevilha*,¹⁴ será Raul Lino o autor de *A Casa Portuguesa*. Constituinte essencialmente um estudo histórico-arquitectónico,¹⁵ aproxima-se ainda de um ensaio de propósitos ‘projectuais’, já que esta obra intermedeia *A Nossa Casa*, publicada em 1918, e *Casas Portuguesas*, a publicar em 1933, livros do mesmo autor sobre o projecto moderno da casa –no sentido lato de construção arquitectónica. Será interessante notar que, sucedendo a João Barreira no estudo da arquitectura doméstica, em certos aspectos, sobretudo no que respeita à estabilização do conhecimento histórico, o discurso de Raul Lino dar-lhe-á continuidade.

3. 1934, A 1ª EXPOSIÇÃO COLONIAL NO PORTO E O ‘LUSALITE’

Constituído o Estado Novo (1933-1974) –o que no percurso profissional e político de Raul Lino se traduzirá numa crescente, declarada e activa oposição ao ‘modernismo’, o que por sua vez encontrará ora divergências ora convergências com certas e primeiras hesitações ideológicas do regime no que à arquitectura como veículo de propaganda diz respeito–, a primeira exposição colonial¹⁶ *funciona como* “ensaio (ou contributo) para a exaltação nacionalista do Estado Novo e do Império Colonial Português, [...] idealizada para conhecimento científico acerca das colónias [...], oferecendo ao público] experiências de colonialismo e de testemunho do progresso, desenvolvimento e grandeza da Nação [...], “primeira

¹³ Pressupomos o entendimento de que ‘moderno’ e ‘modernismo’ não são estritamente sinónimos, mas antes dois posicionamentos incontornavelmente cindidos pela convulsão mundial da primeira grande guerra, em que a uma diversidade de propostas modernas de re-forma vernácula, ou *culturalistas*, sucedeu a hegemonia daquela(s) vanguardista(s), *progressista(s)* ou mesmo de ruptura (a partir das duas grandes concepções ou tendências, propostas por Françoise Choay, 1965). Similarmente, ‘vernáculo’ não será sinónimo estrito de ‘popular’ ou ‘tradicional’, incorporando também aquelas expressões eruditas ou influências externas quando apropriadas ou tornadas próprias.

¹⁴ Veja-se Abreu Filho, “Duas Exposições Espanholas: Sevilha e Barcelona, 1929”, *ArqTexto* 16, 2010.

¹⁵ Inserido no conjunto de trabalhos elaborados a propósito da representação portuguesa em que, e entre outros, também figura João Barreira, subscrevendo *A Escultura*, ou Reinaldo dos Santos, com *A Arquitectura em Portugal*.

¹⁶ Decorrida no Porto, pela “marca da junção entre o urbano e o rural do Norte de Portugal”. (Marroni, 2016, p. 69)

lição de colonialismo dada ao povo português” (Galvão, 1935: 14)”. (Marroni, 2016, p. 67, 83) Inserindo-se num inequívoco e assumido propósito imperialista, de refundação e modernização, a ‘concepção’ da exposição envolveu diversos promotores, em correspondência com os múltiplos âmbitos, incluindo, e no que ao presente artigo importa, a dimensão comercial e industrial. Organizada em duas secções, oficial e particular, é nesta última, “constituída por expositores privados de diferentes sectores (indústria, comércio, agricultura e serviços) [...], com] referências e equipamentos modernos, sofisticados (caminhos-de-ferro, portos marítimos, nova arquitectura, reconstrução de cidades, escolas, fábricas e outros)” (Marroni, 2016, p. 76, 80), que vamos encontrar a recentemente criada *Sociedade Portuguesa de Fibro-Cimento*, apresentando um edifício [modelo de circunscrição colonial] inteiramente construído em Lusalite pelo sistema EMEL,¹⁷ da autoria de Raul Lino.

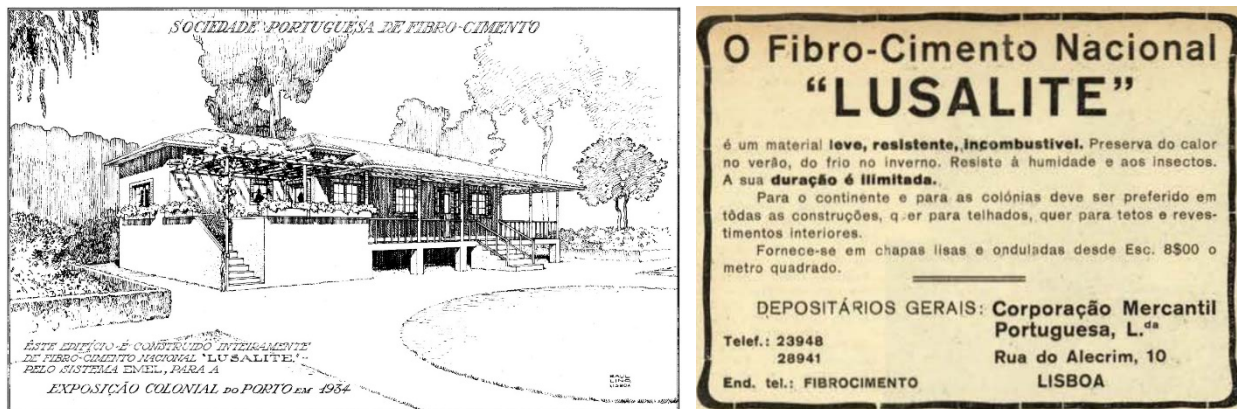


Figura 04: O pavilhão ‘Lusalite’ na Exposição Colonial do Porto, 1934.

Fonte: FCG RL331; *Ultramar* 08, 15 Maio 1934, p. 7

Patenteado na viragem do século, o fibrocimento, ou cimento de amianto (Janela, Pereira, 2016) – e pese embora haver desde logo indícios de efeitos nocivos para o homem e o ambiente – era porém novidade enquanto produção nacional, iniciativa de Raul Abecassis em sociedade fundada em Junho de 1933, com instalações inauguradas na Cruz Quebrada em Abril de 1934. Com múltiplas propriedades isolantes e ‘moldável’, com as mais diversas aplicações, fosse nas obras de hidráulica agrícola e abastecimento urbano, fosse em revestimentos interiores e exteriores, a proposta de Raul Lino “para a estação telegrafo-postal privativa da Exposição” (*Portugal Colonial* 40, 1934, p. 53) demonstrava, além da versatilidade do produto, a sua atenção às potencialidades da produção industrial, e em particular quanto ao problema da habitação moderna e económica – ainda que não nos tenha sido possível estabelecer relação estrita entre o projecto de Raul Lino e o propósito quer de construção seriada quer de uma *circunscrição colonial*.¹⁸ Servindo esta Exposição Colonial de 1934 “como preparatória de eventos ulteriores [...], em particular] da Exposição do Mundo Português, em 1940” (Marroni, 2016, p. 75), e importando questionar todo o aparato e dimensão ideológicos e propagandísticos destas exposições no posicionamento colonialista do regime, no âmbito deste artigo esta derivação visa tão-somente relevar a proximidade e ‘simpatia’ de Raul Lino para com o Lusalite, que será o material de eleição para o pavilhão do Brasil em 1940.

4. 1935, AURIVERDE JORNADA, ‘(DES)ENCONTRO’ COM LÚCIO COSTA

Foi já amplamente tratada a viagem de Raul Lino ao Brasil, em 1935, nomeadamente a partir da publicação de 1937 do diário da mesma e das três conferências proferidas nesse périplo, e em particular a passagem do diário em que aquele expõe a sua expectativa, relato e desapontamento na sequência do encontro com Lúcio Costa. Se para ambos, formados no estrangeiro, “[a] visão do país faz-se nos primeiros anos da adolescência a partir do exterior, de fora para dentro [...], contudo] Lino é mais velho

¹⁷ FCG RL331; o ser *modelo de circunscrição colonial* figura apenas em cartaz da época de publicidade ao produto.

¹⁸ Certo é que em 1939 o *Bairro da Quinta da Calçada em Telheiras é construído em casas-pré-fabricadas, e em 1952 a empresa abre uma fábrica em Moçambique* <restosdecolecao.blogspot.com/2014/07/lusalite.html>.

de quase uma geração.” (Matos, Ramos, 2007, p. 5) E essas duas décadas correspondem à emergência e hegemonia da(s) vanguarda(s) modernista(s) de entre a pluralidade de múltiplas propostas modernas na primeira década e meia do início do século XX –hegemonia que a reconstrução do primeiro pós-guerra propiciou–,¹⁹ pelo que o encontro entre ambos estaria condenado à partida. Ainda assim, e mais do que explorar o desencontro de Raul Lino com Lúcio Costa, importa-nos relevar aquilo em que poderiam convergir e apenas a partir daí ‘encontrar’ a raiz da dissensão –não a tradição, mas a estética da técnica.

[J]ulgo, como o meu amigo, que a maioria da gente não se apercebeu ainda do enorme benefício que devemos a esta arquitectura desnudada que veio pôr fim ao romantismo serôdio, à complicação de um dessorado arqueologismo. [...] Recebo de braços abertos a nova técnica, tôdas as novas técnicas, mas quero que elas se subordinem à idéia que nos ilumina quando se trata de exprimir uma tenção –um sentimento– seja colectivo ou individualista, em que espírito e alma se sobrepõem à determinação material. (Lino, 1937, p. 94-96)²⁰

Em nossa perspectiva, a tenacidade de Raul Lino –ampliada pelo grau de expectativa-desapontamento resultante do *(des)encontro* com Lúcio Costa– desembocará na proposta para o pavilhão do Brasil independente, na Exposição do Mundo Português, em 1940,²¹ combinada com o deslumbramento que a paisagem brasileira nele imprimira, evocando memórias e afinidades com os *movimentos Juventude* – como o *Jugendstil* mas não apenas– em que este artista-arquitecto português se formara.²²

5. 1940, O PAVILHÃO DO BRASIL EM LISBOA

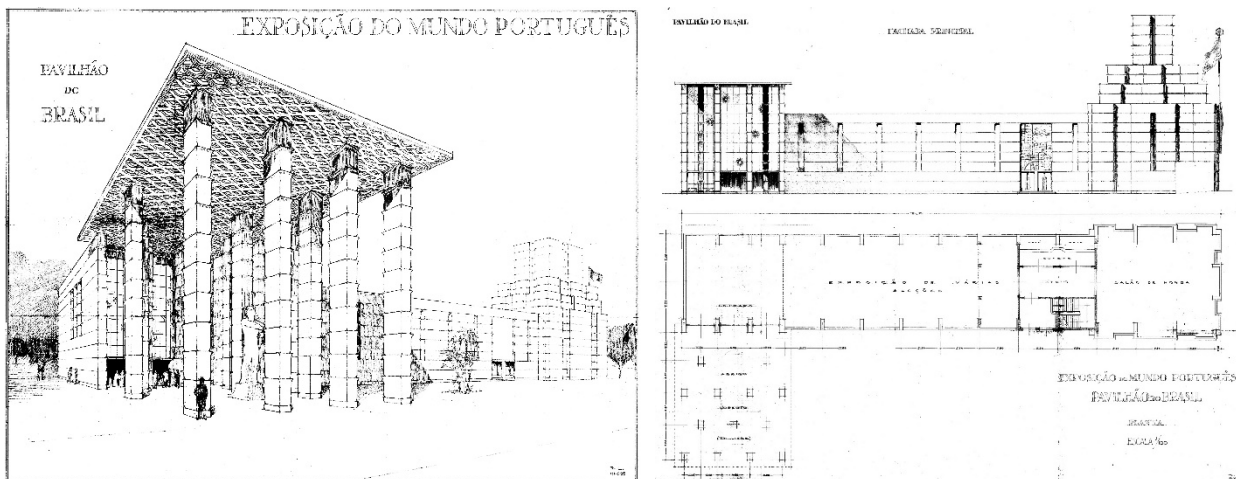


Figura 05: Exposição do Mundo Português 1940, perspectiva, planta e alçado principal do pavilhão do Brasil, Raul Lino 1939-40. Fonte: FCG RL417

¹⁹ Ainda que em paralelo simplificado, veja-se a complexa controvérsia moderna no seio da *Deutscher Werkbund* em 1914, na Exposição de Colônia, e o posicionamento inequivocamente modernista da *Bauhaus*, fundada em 1919.

²⁰ “Lúcio Costa não quer ouvir falar em tradição; isto é – parece querer confundir tradição morfológica na obra dos arquitectos com tradição espiritual na obra dos homens, e observa que nós europeus estaríamos fartos de uma herança que nos oprime. [...] O meu colega não se convence e manifesta até a certeza de que este encantamento do labor pessoal há de acabar por desaparecer de todo! – Nesta altura então abriu-se uma vala intransponível entre mim e o meu amável interlocutor. Desenhava-se agora nitidamente a velha antinomia entre racionalismo e sentimento, como se a qualidade humana pudesse ser completa sem qualquer destes dois princípios.” (Lino, 1937, p. 95-96)

²¹ Outra forte ‘motivação’ poderá ter passado pelo inequívoco novo rumo expresso no pavilhão do Brasil na exposição de Nova Iorque, em 1939, na linha do posicionamento de Lúcio Costa –decidido aliás precisamente entre 1935 e 1938, com o partido definitivo estabelecido para o Ministério da Educação (Comas, 0000, p. 58).

²² “Ao aceitar o *Modern Style* de raiz germano-austriaca e britânica e não o *Art Nouveau* [...]; ao incidir a sua atenção não sobre Paris, mas sobre Darmstadt, Glasgow e Viena, e por ter entendido profundamente a renovação do fim do século, Raul Lino [...] dá uma relevância especial aos problemas de função e de forma, embora como um bom artista *modern style*, nunca desligado da decoração-símbolo.” (Rio-Carvalho, 1970, p. 192)



Infunde respeito a entrada na floresta; como numa catedral de arquitectura viva, em que os vitrais se abrem, não nas paredes, mas na abóbada, fechada a grande distância das nossas cabeças – mosaico de esmeraldas, turmalinas e crisoprasos, por onde é coada a luz da altura. Subjúga-nos o silêncio; eu ia a dizer que o que impressiona é o ouvirem-se as pulsações da seiva a subir pelas artérias da vegetação. [...] É um hino à vida primeva; um dos primeiros quadros do génesis, composto ainda antes da presença do Homem, – por isso o que | sentimos se aproxima do sobrenatural. – Quanto teríamos avançado? Há quanto tempo nos encontrávamos na floresta? Difícil de dizer; tempo e distância pareciam não contar no meio desta aventura... | É compreensível a influência que tal paisagem deva exercer sôbre os homens. (Lino, 1937 [1935], p. 114-115)

Procurando manter-me fiel a esta visão que resulta de sincero entusiasmo pelas coisas do Brasil, tentei agora encontrar a expressão que, dadas as presentes circunstâncias, melhor quadra ao fim representativo que se tem em vista. (Lino, Novembro 1939, FCG RL417.0.1, memória descritiva, p. II)

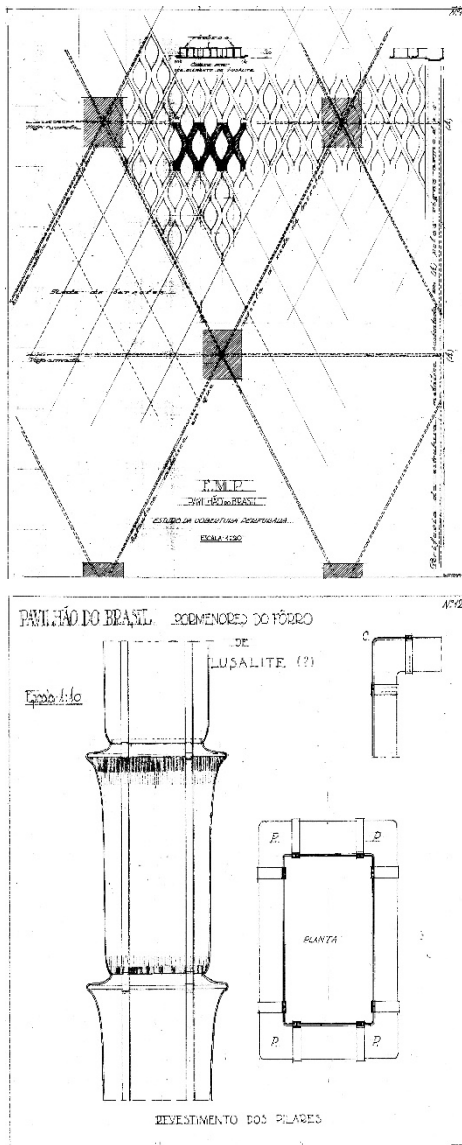


Figura 06: Pavilhão do Brasil, “estudo da cobertura perfurada” e “pormenores do forro de Luselite”.
Fonte: FCG RL417; FCG Coleção Casimiro Vinagre (Exposição do Mundo Português)
<[flickr.com/photos/biblarte/albums/72157640624113385](https://www.flickr.com/photos/biblarte/albums/72157640624113385/)>



O Pavilhão do Brasil implantar-se-ia, numa primeira hipótese, entre o Pavilhão de Lisboa e da Honra (Cristino da Silva), e o da Colonização (Carlos Ramos) –“e esse encaixar entre os dois volumes de expressão cega que condicionam o campo visual de inserção do edifício parece-nos essencial na conceção de Raul Lino, que lhes contrapõe uma leve *loggia* pergolada” (Pereira, 2012, p. 202)–; transitará porém de ponte para nascente daquele último, agora a par do Pavilhão da Fundação (Rodrigues Lima).²³ Observaremos apenas que é surpreendente a diferença de ‘partidos’ na expressão destes edifícios, inversa à expectável atendendo aos seus autores, entre a pujança moderna do projecto de Raul Lino e a macizez racionalista de inspiração historicista dos demais –(des)encontros múltiplos, talvez.

Na composição global, onde “é evidente a abstração da estética antiga, isto é – de classicismo greco-romano e seus derivantes”, apontamos a disposição articulada de vários volumes, incluindo aquele definido pela “pequena floresta de esteios que suportam o grande abrigo ao ar livre”, acolhendo assim no próprio edifício o sentido clássico e moderno de átrio ou praça pública; ainda, a referência e visibilidade da torre, coroada pela esfera ‘estrelada’, onde é mais falante a evocação das secessões germânicas, em particular a vienense. Ainda na memória descritiva de Novembro de 1939 –e portanto não estritamente pela contingência de ser a encomenda apenas para o edifício à parte o projecto expositivo interior–, Raul Lino regista o entendimento de que, tratando-se “de pavilhões de exposição, ao contrário do que sucede com outros problemas de arquitectura, tem de se começar por estabelecer a composição exterior [...], já que e]stes pavilhões representativos de uma nação pouco variam quanto ao seu fim utilitário. [...] Por isso não é senão razoável que, no que respeita à apresentação arquitectónica, se cuide primeiro dos aspectos exteriores.” (Lino, 1939, FCG RL417.0.1, p. II-III)

O processo integra ainda outros documentos escritos, relacionados com a pormenorização construtiva, aliás em correspondência com a extensão e diversidade de escalas dos desenhos. Em Maio de 1940, em plena execução da obra, Raul Lino dirige-se a Pinto do Couto, *responsável pela execução da ornamentação por si projectada para o exterior do pavilhão*, detalhando aquilo que *os seus desenhos, sendo claros*, “na sua bidimensão não podem ser completamente elucidativos. Há a questão do relêvo, a maneira de acabar e o grau de pormenorização [...]. É que se a ornamentação não for tratada com vigor apropriado à escala e ao carácter do Pavilhão, as duas coisas vão se prejudicar mutuamente.” (Lino, 1940, FCG RL417.2.1, p. 462v, 462) Sem data, mas provavelmente da primeira ou entre as datas anteriores, o documento escrito que detalha a execução do “Revestimento de Lusalite” expressa todo o refinamento da solução recorrendo à plasticidade técnica do ‘novo material’, constituindo uma lição de ‘construção arquitectónica’ ao articular opções formais –volume, escala, ritmo– com detalhamento de situações padrão e de remate, no conhecimento e compreensão das possibilidades e constrangimentos técnicos de produção, integrando-as subordinadamente às intenções de desenho e ‘sentimento’ –todo o “encantamento do labor pessoal” cujo desaparecimento Lúcio Costa vaticinara em 1935 –ver nota 20.

²³ Não nos deteremos nos intempestivos propósitos ideológicos e propagandísticos na base da Exposição do Mundo Português, nem no projecto urbano, externo e interno ao recinto, sua organização por secções temáticas bem como suas excepções; observamos apenas os aspectos ambíguos e controversos na representação do Brasil em “*duas épocas: o período colonial e o independente*” (Silva, 2008, p. 135), isto a par do acento colonialista do certame, bem como ainda os contornos da tardia encomenda –aliás acompanhada das hesitações de implantação– e execução do projecto do pavilhão ao arquitecto Raul Lino, tendo Flávio Barbosa como adjunto e Roberto Lacombe como autor do projecto expositivo. Para o efeito veja-se Acciaiuoli, 1998, Silva, 2008, p. 132-141, e Pereira, 2012, p. 193-202.

Observe-se ainda que a encomenda do projecto para o Pavilhão do Brasil é efectuada directamente pelo governo brasileiro (Pereira, 2012, p. 57), não decorrendo de qualquer decisão da Comissão Nacional dos Centenários, que aliás Raul Lino integra enquanto vogal, responsável pelos *pelouros do Turismo e Recepção* (Silva, 2008, p. 36), e isto em paralelo ao cargo de Superintendente dos Palácios Nacionais. Contudo, se enquadrarmos a não aprovação dos projectos de Raul Lino para o *Altar da Família* e as *Aldeias Portuguesas* –este último atribuído a Jorge Segurado, decisão da “competência do Secretariado da Propaganda Nacional, na alçada de António Ferro”, sendo “inegável a preferência que o regime dedica” inicialmente à *primeira geração moderna*–, acrescentada da recusa de Duarte Pacheco em 1938 ao pedido de Raul Lino para efectuar nova viagem ao Brasil (Pereira, 2012, p. 199, 201), poderemos interrogar aqui quanto da já aludida tenacidade deste arquitecto não terá movimentado esforços informais directamente junto de alguns sectores da comunidade e diplomacia brasileiras –observe-se que a viagem de 1935 se reveste de uma dimensão familiar, assim visitando uma das suas filhas e seu genro, diplomata no Brasil.

“Feliz aquele a quem fôr dado pôr todo o seu sentir em architectar um monumento tal que, ao conclui-lo, se torne inutil proferir o célebre imperativo do estatuário diante da figura esculpida –«parla!»”. (Lino, *Atlantida* 4, 15 Fev. 1916, p. 333)

Com o Pavilhão do Brasil parece Raul Lino superar todas as suas convicções, fazendo-as convergir em certa abstração formal sublimada no detalhe em ‘ornamento falante’. Interrogamo-nos se a efemeridade da obra e um maior distanciamento ou objectividade do vínculo afectivo poderão ter constituído factor de liberdade. Qual ‘canto do cisne’, esta obra afigura-se-nos a um vórtice, quer no percurso de Raul Lino, quer no da arquitectura portuguesa ao longo do século XX.

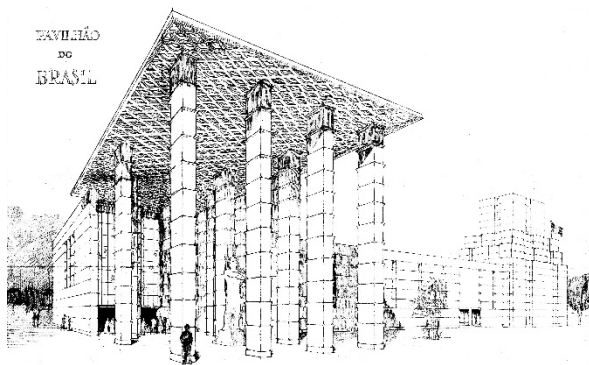


Figura 07: Pavilhões em Lisboa: do Brasil, por Raul Lino 1940 (demolido), e de Portugal, por Álvaro Siza (1998)
Fonte: FCG RL417; Pedro Kok, 2011, <vimeo.com/18669210>

6. LISBOA ENTRE EXPOSIÇÕES, DE 1940 A 1998

Não pretendendo percorrer aqui a história das exposições celebrativas ao longo do século XX, não poderemos contudo deixar de estabelecer afinidades entre o Pavilhão do Brasil na Exposição do Mundo Português, de 1940, na área ocidental da cidade, e o Pavilhão de Portugal na Exposição Internacional de Lisboa, de 1998 e de Álvaro Siza, no quadrante oposto da mesma –tendo por paralelo uma outra leitura relacional em torno da *ideia de modernidade* em ambos os certames, *de convergências mesmo perante todas as diferenças*, incidente nas respectivas estratégias arquitectónicas e urbanísticas de integração e-ou geração de lugares de referência. (Neiva, Dias, 2018, p. 145) Reafirmando todas as diferenças entre os dois arquitectos, cuja charneira –a haver charneira, talvez várias dobras bem vincadas– passa por Fernando Távora, observamos ainda assim similitudes morfológicas e compositivas nestas duas obras, em que a praça coberta é simultaneamente da cidade e do edifício, grande átrio público de acolhimento –só então conduzidos à entrada–, *praça tão relacional* (Pinto da Silva, 2009) que emana do edifício, um sem o outro perdendo significado. E em ambos, em todas as convergências mesmo na divergência dos tempos, múltiplas citações vernáculas –o azulejo, em 1900 e 1998, e outros ofícios– ou universais apropriadas, sem ânsia de progresso, a técnica ao serviço de um sentimento –em lenta abstracção, o ornamento como expressão do detalhe na resolução de problemas construtivos.

REFERÊNCIAS

1899. “Exposição Universal de Paris em 1900”. *O Occidente* 753 (30 Nov.): 262-263.
1934. *Portugal Colonial* 40: 53-54.
- Barreira, João. 1908. “A Habitação em Portugal”. In *Notas sobre Portugal II*, org. e dir. António Arroio, 147-178.
- Bordalo Pinheiro, Rafael. 1900. *A Paródia* 2 (24 Jan.): 11.
- Figueiredo, José. 1901. *Portugal na Exposição de Paris*. Lisboa: Empresa da História de Portugal.
- Lino, Espólio Raul. 1902-1974. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, FCG, Biblioteca de Arte: RL331 e RL417.

- Lino, Raul; Barros, João de (intro.). 1916. "Edifícios Escolares". *Atlantida* 4 (15 Fev.): 332-336.
- Lino, Raul. 1918. *A Nossa Casa*. Lisboa: Atlantida.
- Lino, Raul. 1933. *Casas Portuguesas*. Lisboa: Valentim de Carvalho.
- Lino, Raul. 1937. *Auriverde Jornada: Recordações de uma viagem ao Brasil*. Lisboa: Valentim de Carvalho.
- Lino, Raul. 1969. "Raul Lino visto por ele próprio". *Vida Mundial* 1589 (21 Nov.): 28-42.
- Rocha Peixoto, AA. 1904. "A Casa Portuguesa". *A Construção Moderna* 141-144, 146, 155 (20 Ago. a 10 Jan.) [*O Primeiro de Janeiro* (10, 13 Ago.)]
- Silva Bastos, JT. 1906. "A casa dos Patudos". *Ilustração Portuguesa* 22 (23 Jul.): 698-704.
-
1970. França; Vieira de Almeida; Rio Carvalho. *Raul Lino: Exposição Retrospectiva da sua Obra*. Lisboa: FCG.
1997. Becker; Tostões; Wang; (org.). *Arquitetura do século XX: Portugal*. Munique: Prestel.
- Acciaiuoli, Margarida. 1998. *Exposições do Estado Novo 1934-1940*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Comas, Carlos. 2010. "A Feira Mundial de Nova York de 1939: o Pavilhão Brasileiro". *ArqTexto* 16: 56-97.
- Guerreiro, António. 1995. *Paris 1900*. Lisboa: Expo98.
- Janela, José; Pereira, Pedro. 2016. "História do amianto no mundo e em Portugal". *Cultura, Espaço, Memória, CEM* 7: 193-206. Porto: CITCEM.
- Marroni, Luísa. 2016. "Experiências de Colonialismo no Porto de 1934, na I Exposição Colonial Portuguesa". *Direitos e Dignidade: Trajetórias e experiências de luta, IX Edição do Congresso Ibérico de Estudos Africanos, vol.I, org. Maria Meneses, Bruno Martins. CES-Contexto* 13: 67-87.
- Mascaro, Luciana; Bortolucci, Maria; Lourenço, Júlia. 2011. "Ricardo Severo, Raul Lino e os movimentos tradicionalistas". *Convergência Lusíada* 25: 102-123.
- Matos, Madalena Cunha; Ramos, Tânia Beisl. 2007. "Um Encontro, Um Desencontro. Lucio Costa, Raul Lino e Carlos Ramos". 7º Seminário Docomomo Brasil, Porto Alegre. <docomomo.org.br/course/7>
- Neiva, Ana; Dias, José Cabral. 2019. "A perspective on the Portuguese identity: the idea of modernity. A Exposição do Mundo Português and Expo'98". In *Modernity, Frontiers and Revolutions, 4th International Multidisciplinary Congress (PHI 2018)*, eds. Mário SM Kong, Maria R. Monteiro, 145-151. London: Taylor & Francis Group.
- Pereira, João CB (dir.); Figueiredo, Maria (coord.). 2000. *Portugal 1900*. Lisboa: FCG.
- Pereira, Paulo. 2012. *Raul Lino – Arquitetura e Paisagem (1900-1948)*. Tese de Doutoramento. Lisboa: ICTE-IUL.
- Pinto da Silva, Madalena. 2009. *Forma e Circunstância: A praça na cidade portuguesa contemporânea*. Tese de Doutoramento. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- Ramos, Rui. 2013. "Casa Portuguesa". In *Dicionário de História da I República e do Republicanismo*, dir. e coord. Maria Fernanda Rollo *et al.*. Lisboa: Assembleia da República.
- Rodrigues, Paulo. 2012. "The Science of Architecture Representations of Portuguese National Architecture in the 19th Century World Exhibitions: Archetypes, Models and Images". *Quaderns d'Història de l'Enginyeria* 13: 25-34.
- Rosmaninho, Nuno. 2002-03. "A «Casa Portuguesa» e outras «Casas Nacionais»". *Revista da Universidade de Aveiro: Letras* 19-20: 225-250.
- Santos, Regina. 1999. *Portugal na Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908: Significados e Intenções*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Silva, Joana. 2006. *Ricardo Severo: da Lusitânia ao Piratininga*. Porto: Dafne.
- Silva, Sandra. 2009. *A Exposição de Belém: Novos elementos para a construção de uma "memória"*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DA BAHIA

NTPR
Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração



ORGANIZAÇÃO



NTPR
Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração



PATROCÍNIO



APOIO À REALIZAÇÃO



APOIO



SUMÁRIO

CONFERÊNCIAS

A ENGENHARIA IMPERIAL NA BAHIA 20
Mendonça de Oliveira, Mário

LA CARTA DE ICOFORT Y LA MEMORIA DEL PATRIMONIO MILITAR 43
Flores Román, Milagros

OS PRIMEIROS EDIFÍCIOS EM TORRE DA CIDADE DO PORTO: SOLUÇÕES CONSTRUTIVAS E ESTRUTURAIS 65
Póvoas, Rui Fernandes

EIXO I - MATERIAIS, TÉCNICAS E HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO

100 ANOS DE REGIONALIDADE: O CASO DO SOBRADO ECLÉTICO DO PRIMEIRO JUIZ DE PAZ DE TERESINA 87
Freire, Nathália Gomes; Lima, Raniel Cardoso; Silva, David Alisson da; Sousa, Larissa Ra-faella da Silva

A ARQUITETURA NEOCLÁSSICA E A ATUAÇÃO DOS PROJETISTAS NA PARAHY-BA OITOCENTISTA 101
Rabello, Jessica; Cavalcanti Filho, Ivan

A ATUAÇÃO DOS ENGENHEIROS MILITARES EM PARATI NO SÉCULO XIX 116
Cury, Isabelle

A CASA DA MISERICÓRDIA DE CAMINHA: CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO 126
Pinho, Joana Balsa de

A CIRCULARIDADE E O PROJETO ARQUITETÔNICO DA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO DE TIRADENTES-MG, DO MESTRE ALEIJADINHO 138
Cruz, Luiz Antonio da

A COMISSÃO DOS MONUMENTOS E RELÍQUIAS HISTÓRICAS DE MOÇAMBIQUE (1943-1975) E O RESTAURO DOS MONUMENTOS DE LOURENÇO MARQUES 153
Franco de Mendonça, Lisandra; Mendonça, Ricardo

A CONSTRUÇÃO DA FORTALEZA COMO IMAGEM DO PODER REAL: FORTALEZA DE MAZAGÃO (MARROCOS); FORTE DA GRAÇA (PORTUGAL); FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA (BRASIL) 168
Valla, Margarida

A CONSTRUÇÃO DOS SOBRADOS CARIOCAS DA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O XX: SÍNTESE DOS PROCESSOS CONSTRUTIVOS POR MEIO DO ESTUDO DE CASO DOS MANUAIS DE OFÍCIO 182
Sampaio, Julio Cesar Ribeiro

A CONSTRUÇÃO NO BRASIL NO SÉCULO XVI Weimer, Günter	192
A DEVOÇÃO MANIFESTA EM CONCRETO: UMA ARQUITETURA DEMOCRÁTICA EM ESSÊNCIA Henklain, Ananda O.; Oliveira, Kelly C. R.; Ramalho, Paulina O.	204
A ERUDIÇÃO DOS ARQUITETOS MILITARES PORTUGUESES NAS FORTIFICAÇÕES ABALUARTADAS DE PERNAMBUCO Valadares, Pedro; Moreira, Fernando	219
A EVOLUÇÃO CONSTRUTIVA DOS CONVENTOS FRANCISCANOS DO NORDESTE NO BRASIL COLONIAL Cavalcanti Filho, Ivan	234
A FAZENDA CANELA E A ARQUITETURA VERNACULAR PIAUIENSE Carneiro de Melo, Ana Clara	243
A HIDRÁULICA MONUMENTAL: A ARQUITECTURA DA ÁGUA NO REAL EDIFÍCIO DE MAFRA Alho, Patrícia; Machado, Pedro	252
A HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO DO PORTO DE BELÉM, E SUA RELAÇÃO COM A ARQUITETURA DA CIDADE Gomes, Emerson Bruno de Oliveira; Gomes, Cristiani Machado; Nunes, Márcia Cristina; Machado, Rodrigo Carlos da Silva	264
A IGREJA SÃO SEBASTIÃO NO CONTEXTO DE BOA VISTA-RR Lima, Rithelly; Gomes, Larissa S.; Ramalho, Paulina O.; Oliveira, Kelly C. R. de	277
A IMPORTÂNCIA DA MADEIRA ESTRUTURAL NA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA EM LISBOA Henriques, Dulce Franco; Silveira, Paulo Malta da	289
A INFLUÊNCIA DA CULTURA LUSITANA NO EMPREGO DA MADEIRA EM CONSTRUÇÕES NA CIDADE DE SALVADOR-BA Santos, Filipe Luigi; Silva, Julia; Lima, Brígida; César, Sandro	298
A INFLUÊNCIA DA TESOURA DE CAIBRO-ARMADO PORTUGUESA NAS COBERTURAS DAS EDIFICAÇÕES RELIGIOSAS DO BRASIL: UM ESTUDO NA REGIÃO CENTRAL DE MINAS GERAIS. Silva, Larissa; Carrasco, Edgar; Vieira, Eduarda	308
A INFLUÊNCIA NORMANDO-FRANCESA NA ARQUITETURA DOS CHALÉS DA CIDADE DE SÃO LUÍS, MARANHÃO Ferreira, Paulo Roberto; Nolêto, Byanca; Costa, Ana Carolina	325
A PERCEPÇÃO NO TEMPO: IGREJA DE SANTO ANTÔNIO DA MOURARIA, SALVADOR-BAHIA Leão, Elisângela	340

A PINTURA DESCOBERTA DE ORESTE SERCELLI NO SANTUÁRIO SAGRADO CO- RAÇÃO DE JESUS EM SÃO PAULO Vogelsanger Guimarães, Luis Gustavo	355
A TRADIÇÃO CONSTRUTIVA NAS EDIFICAÇÕES RELIGIOSAS DA CABECEIRA DO RIO DAS VELHAS - O RESTAURO DA COBERTURA DA IGREJA DE NOSSA SE- NHORA DAS MERCÊS EM SÃO BARTOLOMEU, OURO PRETO Vale, Clécio Magalhães; Bueno, Fernanda Alves de Brito; Alencar, Matheus Edgard Moreira; Faria, Marina Miranda	370
A UTILIZAÇÃO DOS MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO PARA A ESTRUTURAÇÃO DAS ALVENARIAS DAS EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS DE OLINDA E RECIFE Souza, Juliana Santa Cruz; Oliveira, Felisbela M. da Costa; Carneiro, Arnaldo Manoel Pereira	383
ABRIGOS DE BONDES EM SALVADOR Santiago, Cybèle Celestino; Souza, Manuella Araújo de	395
ANÁLISE CRONOLÓGICA DAS PINTURAS DE SUBSTRATOS HISTÓRICOS DO PA- LACETE FACIOLA – BELÉM (PA) Damasceno, Alexia; Silva, Mayra Martins; Gester, Carolina de Souza; Dias, Giovanna	410
ANÁLISE DIMENSIONAL DOS TIJOLOS BAIANOS: REFLEXÕES SOBRE A POSSI- BILIDADE DE APLICAÇÃO DA MENSIOCRONOLOGIA Santos, Larissa Corrêa Acatuassú Nunes	422
ANÁLISE HISTÓRICA DA PIAÇAVA E SEU POTENCIAL PARA A CONSTRUÇÃO CI- VIL Barbosa, Victor; Costa, Lucas; Leão, Mirtânia	437
ANATOMIA CONSTRUTIVA DA CASA DO AMIAL (1950) DE CELESTINO DE CAS- TRO Azevedo Gomes, Rogério	446
AO ALCANCE DE TODOS Santos, Roberto E.	462
AQUEDUTOS, CHAFARIZES E FONTES NOS REGISTROS DA CÂMARA MUNICIPAL DE BAEPENDI, MINAS GERAIS, SÉCULO XIX Azevedo, Maria Cristina Neves de	475
ARCO ABATIDO: USOS E VARIANTES NA TRADICIONAL ARQUITETURA COR- RENTE LUSO-BRASILEIRA Guimarães, Marcos V. T.	490
ARQUITETURA DE TERRA: RESISTÊNCIA MATERIAL E CULTURAL Sartorio, Jéssica Marinho; Miranda, Clara Luiza	501
ARQUITETURA FUNERÁRIA EM CANTARIA DE LIOZ EXPRESSA NO CEMITÉRIO DO CAMPO SANTO POR DINASTIAS DE CANTEIROS PORTUGUESES, SÉCULO XIX, SALVADOR – BAHIA. Mendes, Cibele de Mattos.	516

ARQUITETURA RELIGIOSA NA ILHA DE VITÓRIA - CAPITANIA DO ESPÍRITO SANTO Barros, Mariane Dantas de; Ribeiro, Nelson Pôrto	529
ARQUITETURA RURAL NO ESPÍRITO SANTO: ESTUDO A PARTIR DA TIPOLOGIA TÉCNICO-CONSTRUTIVA DE COMPLEXOS PRODUTIVOS CAFEEIROS Bernardo, Luciano Correia; Almeida, Renata Hermann de	543
ARQUITETURA VERNACULAR COLONIAL EM MINAS GERAIS - ALGUMAS RELEITURAS POSSÍVEIS Martins, Régis Eduardo; Dangelo, André Guilherme Dornelles	557
AS CONSTRUÇÕES MILITARES NA VILA DA VITÓRIA - CAPITANIA DO ESPÍRITO SANTO Nascimento, Júlia Pedruzzi do; Ribeiro, Nelson Pôrto	570
AS FÁBRICAS DO VALE DO NABÃO: ESTUDO COMPARATIVO DOS SISTEMAS CONSTRUTIVOS E SUA RELAÇÃO COM A ÁGUA Barbosa, Renata Faria; Genin, Soraya M.	583
AS FORTIFICAÇÕES MILITARES POR JOSÉ DA SILVA PAES E A TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO DO SÉCULO XVIII NA ILHA DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS. BRASIL De Paula, Leandro Neto	598
AS FUNDAÇÕES EM TIJOLOS MACIÇOS NA REGIÃO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES: O CASO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO Chagas, Humberto Neto das; Damiano, Raíssa Rangel	610
AS PRIMEIRAS FORTIFICAÇÕES EUROPEIAS NO SRI LANKA: (POSSÍVEIS) ORIGENS PORTUGUESAS DE VÁRIAS FORTIFICAÇÕES HOLANDESAS Santos, Joaquim Rodrigues dos	620
AS RUÍNAS DO COMPLEXO DE EXPLORAÇÃO AURÍFERA DO FORTE DE BRUMADINHO, NA SERRA DA MOEDA, MINAS GERAIS, BRASIL: CONTRIBUIÇÕES PARA SUA COMPREENSÃO E CONSERVAÇÃO Tofani, Frederico de Paula; Tofani, Márcia Campos Moreira	636
ATUAÇÃO DE ENGENHEIROS E ARQUITETOS NO INTERIOR PAULISTA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX: O CASO DE SÃO CARLOS Bortolucci, Maria Angela P. C. S.	651
ATUAÇÃO DO CONSTRUTOR LUIGI PUCCI NAS CIDADES DE CAMPINAS E SÃO PAULO: O PALÁCIO ITAPURA E A SEDE DA CHÁCARA DO CARVALHO (1880-1893) Menegaldo, Ana Beatris F.; Pereira, Renata Baesso	666
AZULEJARIA DE FACHADA NA ARQUITETURA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX Ursine da Cunha Mello, Eliana	682

AZULEJOS PORTUGUESES DECORADOS EM ESTAMPILHA: IMPLICAÇÕES DA TÉCNICA DE PRODUÇÃO NO RESTAURO À QUENTE Gasparetto, Stephanie Assef Mendes; Sanjad, Thais Alessandra Bastos Caminha	697
BREVE HISTÓRICO DO USO E OS ASPECTOS TÉCNICOS DOS ELEMENTOS VAZADOS NA ARQUITETURA BRASILEIRA NOS ÚLTIMOS 20 ANOS Miranda, Mariana A.; Camacho, Darwin; Bessa, Sofia A. L.; Sacht, Helenice M.	708
CARACTERIZAÇÃO TÉCNICO-CONSTRUTIVA E PERIODIZAÇÃO URBANO-ARQUITETÔNICA: ANÁLISE NO SÍTIO HISTÓRICO URBANO DE ITAPINA/ES Almeida, Renata Hermann de; Bona, Kamila Drago; Mayer, Vanessa Krohling	722
CASA POPULAR DE MORADIA: ESTUDO SOBRE OS TIPOS PORTUGUÊS E HOLANDÊS E SUAS INFLUÊNCIAS NA ARQUITETURA COLONIAL DO RECIFE. Souza, Ravena Barbosa Machado de; Sullasi, Henry Socrates Lavalle	737
CASA RURAL NO RECÔNCAVO DA BAHIA Dias, Maria da Graça Andrade	752
CASARÃO DA FAMÍLIA CURTO: REGISTROS DA ARQUITETURA DO IMIGRANTE ITALIANO EM PENDANGA, IBIRAÇU/ES Uliana, Julia Curto	760
CASAS DE FAZENDA EM CAPITÃO DE CAMPOS: A FAZENDA CANAFÍSTULA Ferreira Neto, João Angelo; Silva, Edilson Melo; Alves, Mônica Letícia	775
CLUBE RECERATIVO 11 DE JUNHO: AGUDOS, SP Godoy, Tamara Beatriz de; Lima, Ludmilla Tidei	785
COLÉGIO PEDRO II - CAMPUS CENTRO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE ALTERAÇÕES EM SISTEMAS CONSTRUTIVOS ORIGINAIS DE EDIFICAÇÕES SETECENTISTAS Silva, Pâmella	798
COMPOSIÇÃO ARTÍSTICA EM ESTUQUE ORNAMENTAL NA ARQUITETURA NEOMOURISCA DE MANGUINHOS: ESTUDO DOS PADRÕES COMPOSITIVOS Chaves, Elisabete; Andrade, Inês; Korman, Darius	813
CONJUNTO DE FORTIFICAÇÕES COLONIAIS DO BRASIL INDICADO PARA O PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE Secomandi, Elcio Rogerio	823
CONSERVAÇÃO DE INTERVENÇÕES MODERNAS EM CONJUNTOS HISTÓRICOS: RESTAURANTE COATY, EM SALVADOR Pinheiro Constanti, Andressa	841
CORETO DA PRAÇA VERÍSSIMO DE MELLO (MACAÉ/RJ) LEVANTAMENTO DOS DANOS E A MANUTENÇÃO DA UNIDADE POTENCIAL DO ORNAMENTO EM FERRO FUNDIDO NO BEM PATRIMONIAL Viera, Monique; Pinheiro, Ethel	855

DA ARTE DE MURAR: UMA REVISÃO TEÓRICA SOBRE A CONSTRUÇÃO DE ALVENARIAS POR MEIO DOS TRATADOS DE ARQUITETURA Cafezeiro, Yan Graco	869
DA TAIPA À PEDRA. A CONSTRUÇÃO DO FORTE DO CABEDELLO, NA PARAÍBA, ENTRE OS SÉCULOS XVI E XVIII Moura Filha, Maria Berthilde	884
DE LA TRADICIÓN A LA MODERNIDAD: LA REINTERPRETACIÓN DE LA CELOSÍA DE MADERA INFLUENCIAS RECÍPROCAS ENTRE BRASIL Y PORTUGAL Ordóñez Castañón, David; Cunha Ferreira, Teresa; de los Ojos Moral, Jesús	899
DESENHOS DE DIAMANTINA: UM ESTUDO DOS REGISTROS DOS VIAJANTES NEOCOLONIAIS NOS ANOS 1920 – LUCIO COSTA E JOSÉ WASTH RODRIGUES Espig Regiani, Luana; Urano Frajndlich, Rafael	914
DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA DE ORNAMENTOS METÁLICOS DA CASA CARVALHAES: MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO Chaves, Juliane; Palácios, Flávia	928
EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS DE LUZIÂNIA/GO: CARACTERÍSTICAS, INTEGRIDADE E CONSERVAÇÃO Figueira, Rafaela Heinzelmann; Rocha, Victor	939
EDIFÍCIO CAUDURO - ANTIGO HOTEL JANTZEN. SISTEMA CONSTRUTIVO E SEU ATUAL ESTADO DE CONSERVAÇÃO L. Bravo, Felix; M. Silvano, Marcos	952
ENSAIO DE METODOLOGIA A APLICAR EM INTERVENÇÕES SOBRE O PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO MODERNO: O PROJETO DE REABILITAÇÃO DA PENTHOUSE DO EDIFÍCIO VOUGA/SOARES&IRMÃOS (1950-53), DOS ARQUITETOS ARMÉNIO LOSA E CASSIANO BARBOSA Maia, Carlos	965
ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A CHAROLINHA DA MATA DOS SETE MONTES E OS EDIFÍCIOS DE JOÃO DE CASTILHO, AS POSSIBILIDADES DE ATRIBUIÇÃO DE UMA AUTORIA Costa, Fernando; Rocha, Marco; Antunes, Maria; Pereira, Nuno	980
ESTUDO DAS ARGAMASSAS ANTIGAS DA IGREJA DE N. S. DO AMPARO EM SÃO CRISTÓVÃO SE/BR Silva, Eder; Goes, Melissa; De Paulo, Karoline; Teixeira, Roberto	994
ESTUDO DAS CORES VISANDO O RESGATE DA MEMÓRIA E DA TÉCNICA DAS TINTAS DE TERRAS PRODUZIDAS EM SÃO JOÃO DEL-REI E REGIÃO, ESTADO DE MINAS GERAIS, BRASIL Martins, Mateus de Carvalho; Maia, Mateus Felipe Rocha	1009
ESTUDO SOBRE AS TÉCNICAS CONSTRUTIVAS E HISTÓRIA DE UM EXEMPLAR EM ARQUITETURA DE PEDRA E BARRO EM PICOS-PI Brandão, Janielle	1021

EVOLUÇÃO NO EMPREGO DOS SUBPRODUTOS DE SISAL (AGAVE SISALANA) NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO DE HABITAÇÕES RURAIS NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO – PERÍODO DE 1920 ATÉ OS DIAS ATUAS Costa, Lucas Lima; Guimarães, Cleidson Carneiro; Barbosa, Victor Antunes; Batista, Sande dos Santos	1034
FORTALEZA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO - RIO DE JANEIRO HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO Pinto, Natália; Nemer, Luciana	1042
FORTE DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA - SÃO LUÍS/MA ARQUEOLOGIA E ARQUITETURA Melo Neto, Ulisses Pernambucano; Muraro, Carmen Lucia	1056
FORTE DE SÃO FRANCISCO XAVIER DA BARRA: ANÁLISE DA TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA A PARTIR DE MATRIZES TEÓRICAS DA ENGENHARIA MILITAR Pessotti, Luciene	1071
FRANCISCO DE LIMA CERQUEIRA: UM MESTRE DO MINHO/PORTUGAL, NAS MINAS GERAIS SETECENTISTAS Urias, Patrícia; Dangelo, André Guilherme Dornelles	1086
FUERTE DE SAN CARLOS DE PEROTE: SISTEMAS Y MATERIALES CONSTRUCTIVOS DE LA ÚNICA FORTALEZA ESPAÑOLA ABALUARTADA TIERRA ADENTRO EN AMÉRICA DEL SIGLO XVIII Cejudo Collera, Mónica; Segura García, Germán	1101
GUINDASTES LIGAM O ONTEM AO HOJE NUMA CIDADE DE DOIS ANDARES Ormindo de Azevedo, Paulo	1117
HISTÓRIA DAS CONSTRUÇÕES E DA ARQUITETURA DE ARACAJU: DA CONQUISTA DO SÍTIO À CHEGADA DA PETROBRÁS Maciel, Josinaide; Maciel, Marcelo Augusto	1130
HISTÓRICO DE LIGAÇÕES COM CAVILHAS DE MADEIRA EMPREGADAS EM ESTRUTURAS NO BRASIL, A PARTIR DO SÉCULO XX A. D. O. Silva, Gabriel; D. A. Cunha, Rita; S. Sena, Caroline; Macedo, Ulli	1145
HISTORIOGRAFIA DA PRODUÇÃO HABITACIONAL BRASILEIRA: TECNOLOGIA E TRABALHO Oliveira Mascarenhas, Giselle	1155
IGREJA E CASA PAROQUIAL NOSSA SENHORA DOS PRAZERES NO MUNICÍPIO DO PAULISTA, PE: CONTEXTO HISTÓRICO, FASES CONSTRUTIVAS E CARACTERIZAÇÃO TÉCNICA Silva, Mariana F.	1168
IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO – PIRACURUCA, PI: UM ESTUDO SOBRE SUA HISTÓRIA E DETALHAMENTO DE SUA CONSTRUÇÃO Silva, Maria Belo Barbosa; Carvalho, Laura Fonsêca	1183

IMAGEM E SUBSTÂNCIA NA PRESERVAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA Cordeiro, Patricia C.	1194
INDUSTRIALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO E ARGAMASSA ARMADA: UMA EXPERI- ÊNCIA SOTEROPOLITANA Ekerman, Sergio K.	1210
INSTITUTO CENTRAL DE CIÊNCIAS: A COMPLEXIDADE DA SÍNTESE Silva, Elcio; Vasconcellos, Juliano; Sánchez, José Manoel	1224
INTERVENÇÕES NO PATRIMÔNIO ART DÉCO DE ARACAJU E O RISCO DE DES- CARACTERIZAÇÃO: ANÁLISE DO PALÁCIO CARVALHO NETO Carvalho, Isadora	1239
ITANHAÉM: AS DUAS IGREJAS DO PERÍODO COLONIAL Vieira Santos, Regina Helena	1254
LADRILHOS HIDRÁULICOS EM SÃO JOÃO DEL-REI: PATOLOGIAS, CONSERVA- ÇÃO E REGISTRO Martins, Mateus de Carvalho; Januario, João Vitor	1269
LEVANTAMENTO E DOCUMENTAÇÃO DE DANOS EM UM SOBRADO NA CIDADE DE BELÉM-PA, BRASIL Ribeiro, Ana Elisa do Nascimento	1282
MATERIAIS E TÉCNICAS DE CONSTRUÇÃO DO INÍCIO DO SÉCULO XX EM POR- TUGAL NA REVISTA A CONSTRUÇÃO MODERNA Andrade, Luís; Aleixo, Sofia; Faustino, Patrícia	1294
MATERIAIS PÉTREOS E CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO E PRESERVAÇÃO DE SUAS MEMÓRIAS Costa, Antônio Gilberto	1308
MATERIALIDADE DAS PELES NA ARQUITETURA RESIDENCIAL MODERNA CAMPINENSE. RESIDÊNCIA HELENO SABINO: UM ESTUDO DE CASO Diniz, Diego; Fernandes, Rafaela; Porto, Herlen; Pinto, Yane	1323
MEMÓRIA EDIFICADA: MATERIAIS CONSTRUTIVOS DA IGREJA MATRIZ DE SÃO JOÃO BATISTA DE BOCAINA, SP Gabriel, Maria Helena; Benincasa, Vladimir	1336
MERCADOS PÚBLICOS EM VITÓRIA: CONTRIBUIÇÕES A UMA ANÁLISE DAS TI- POLOGIAS EDIFICADAS ENTRE O FINAL DO SÉCULO XIX E PRIMEIRAS DÉCA- DAS DO SÉCULO XX Botechia, Flavia Ribeiro; Peyneau, Anna Claudia Dias; Bellini, Anna Karine de Queiroz Cos- ta	1353
MONITORAMENTO DE CASCAS EM ALVENARIA DO THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO Cintra, Danielli C. B.; Roehl, Deane M.; Sánchez Filho, Emil S.; Lourenço, Paulo B.	1366

NOVOS MODOS DE MORAR, ANTIGAS FORMAS DE CONSTRUIR: CASAS DA AV. EPITÁCIO PESSOA NA DÉCADA DE 1940 Afonso, Filipe Valentim; Moura Filha, Maria Berthilde	1376
O CASTELO DE TOMAR COMO TESTEMUNHO DA ARQUITECTURA MILITAR TEMPLÁRIA Belgas, Lurdes; Mascarenhas, Jorge; Branco, Fernando G.	1388
O CIMENTO NATURAL EM PORTUGAL. REGISTOS DE USO ENTRE O FINAL DO SÉCULO XIX E O PRIMEIRO QUARTEL DO SÉCULO XX. Vale, Clara Pimenta do; Figueiredo, Cristiano; Velosa, Ana; Veiga, Rosário	1398
O CIMENTO PORTLAND DO SÉCULO XIX E AS RUÍNAS QUE TESTEMUNHAM O PIONEIRISMO BRASILEIRO NA INDÚSTRIA CIMENTEIRA DA AMÉRICA LATINA Medeiros, José Alysson; Torres, Sandro Marden	1415
O EMPREGO DA CARNAÚBA NO PIAUÍ: DA CONSTRUÇÃO VERNACULAR A ARQUITETURA REGIONAL Furtado, Maria Betânia Guerra Negreiros	1424
O USO DE JANELAS DE CAIXILHARIA DE VIDRO EM GUILHOTINA, NAS RESTAURAÇÕES DO IPHAN: ANTECEDENTES E A FIXAÇÃO DE UMA IMAGEM NOS CENTROS HISTÓRICOS COLONIAIS Pessôa, José; Camello Lago de Souza, Eliza	1437
ORGANIZAR O ESPAÇO, EMBELEZAR A CIDADE: O PAPEL DOS FISCAIS E DOS MESTRES DE OBRAS NA URBANIZAÇÃO DA CIDADE DE PINDAMONHANBAGA, 1840-1880 Morais, Brenda Laisa	1447
ORNAMENTO NA ARQUITETURA HISTORIOGRAFIA, TEORIA E ATUALIDADE. OS FORROS DE ESTUQUE DO SÉCULO XIX, NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Oliveira, Teresa Cristina Menezes	1460
OS ARTÍFICES DA FÁBRICA DE SÃO ROQUE EM LISBOA: ENTRE TRADIÇÃO E INOVAÇÃO Loewen, Andrea	1473
OS FRONTISPÍCIOS POLICROMADOS DOS CONVENTOS FRANCISCANOS DA PROVÍNCIA DE SANTO ANTÔNIO DO NORDESTE Almeida, Túlio	1485
OS LIMITES DA PERMANÊNCIA: A RESISTÊNCIA DE UMA CASA HISTÓRICA DIANTE DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS E SOCIAIS EM FORTALEZA-CE Alves, João Vitor Nascimento; Almeida, Isabelle de Lima; Oliveira, Dellys Lorena Vieira de; Vasconcelos, Ana Cecília Serpa Braga	1499
OS VITRAIS NA ARQUITETURA BRASILEIRA: HISTÓRIA E CONSERVAÇÃO Corrêa Pinto, Amanda; Sanjad, Thais; Macedo, Filomena; Vilarigues, Márcia	1511

PALACETE GENTIL BRAGA HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO E TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA Andrade, Cláudia Nunes de Lima e; Brito, Stella Regina Soares de	1524
PALÁCIO DE LANDI RESTAURAÇÃO DOS ANOS DE 1970 Trindade, Elna Maria Andersen	1539
PATRIMÔNIO EDIFICADO DE MINAS GERAIS: ANÁLISE COMPARATIVA DAS ALTERAÇÕES CROMÁTICAS PARA MATERIAIS PÉTREOS APLICADOS Costa, Thais Hoelzle Alves da; Costa, Antônio Gilberto	1550
PATRIMÔNIO HISTÓRICO EM RUÍNAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONJUNTO ARQUITETÔNICO FAZENDA SÃO BERNARDINO Maldonado Alves Teixeira, Natália	1565
PERFIL TECNOLÓGICO DOS AZULEJOS PORTUGUESES DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVIII EM PERNAMBUCO Martin Souto Maior, Paulo	1579
PLANO DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA DO PAVILHÃO MOURISCO Coelho, Carla; Balzana, Juliana	1594
PROCESSOS CONSTRUTIVOS EM ESTRUTURAS DE BETÃO ARMADO DO INÍCIO DO SÉCULO XX Paupério, Esmeralda; Romão, Xavier; Arêde, Antônio; Vila Pouca, Nelson	1608
QUANDO O MODERNO ERA NEOCOLONIAL A PARTICIPAÇÃO DE EUGÊNIO DE PROENÇA SIGAUD NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CAMPUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO Lima Carlos, Claudio Antônio S.	1622
RECIFE ROMÂNTICO DOS CREPÚSCULOS DAS PONTES: A PONTE MAURÍCIO DE NASSAU PELO VIÉS DA CULTURA TÉCNICA Freitas, Maria Luiza Macedo Xavier de	1636
RISCO E TRANSFORMAÇÃO Tavares, Domingos	1656
SISTEMAS CONSTRUTIVOS NA OCUPAÇÃO DO SERTÃO DO BRASIL COLONIAL: ARQUITETURA RURAL EM COTIA-SP E MATOZINHOS-MG Vasconcellos, Fábio Azevedo; Monteiro, Filipa Maria Salema Roseta Vaz; Filho, José Jorge Boueri	1667
SISTEMAS CONSTRUTIVOS NO MUSEU VIVO DO SÃO BENTO - UMA MARCA DA HISTÓRIA Calvão, Cristina da Rocha; Ribeiro, Rosina Trevisan M.	1680
SISTEMAS CONSTRUTIVOS TRADICIONAIS SOB O OLHAR DAS TECNOLOGIAS DE REPRESENTAÇÃO TRIDIMENSIONAL DIGITAL Borges, Ariane; Rodrigues, Lucas; Gonçalves, Pedro	1693

SOBRADO DONA AUTA: O DESPERTAR DA MEMÓRIA COLONIAL NO MUNICÍPIO DE PARNAÍBA-PI Rodrigues, Alana; Prescott, Victória	1706
SOCIEDADE MUSICAL LYRA DE ARION: ORIGEM E RELAÇÃO COM SUA EDIFICAÇÃO-SEDE Souza, Gabriela; Bittar, William	1720
SOLAR DOS LEITES EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO: HISTÓRIA, MORADA OITOCENTISTA E SUAS TÉCNICAS CONSTRUTIVAS POMBALINAS Brito, Stella Regina Soares de; Lima, Rogério Henrique Frazão	1735
SOLAR MONJARDIM: DA CASA COLONIAL A CASA MUSEU - VITÓRIA-ES Nemer, Luciana	1749
MATERIAIS E DANOS DOS AZULEJOS HISTÓRICOS DAS FACHADAS DO MUSEU DA ABOLIÇÃO, RECIFE-PE Monteiro, Gabriela de Andrade; Souza, Ravena Barbosa Machado de; Maior, Paulo Martin Souto; Sullasi, Henry Socrates Lavallo	1762
TÉCNICAS CONSTRUTIVAS DO SÉC. XVIII: CAPELA DE SANTO ALEIXO – MAGÉ/RJ Marchon, Tainá; Ribeiro, Rosina Trevisan M.	1778
TÉCNICAS CONSTRUTIVAS E ROCHAS NA ENGENHARIA MILITAR LUSO-BRASILEIRA NA AMAZÔNIA: A FORTALEZA DE SÃO JOSÉ DE MACAPÁ (AMAPÁ) Norat, Roseane; Costa, Marcondes	1788
TÉCNICAS E SABERES CONSTRUTIVOS TRADICIONAIS EM CONFLITO: O ESTUDO DE UMA COMUNIDADE RURAL QUILOMBOLA A PARTIR DA IMPLANTAÇÃO DE UMA POLÍTICA PÚBLICA HABITACIONAL Silva, Érico de Oliveira e; Mascarenhas, Giselle Oliveira; Rezende, Marco Antônio Penido de	1803
TERMOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO DE MANIFESTAÇÕES PATOLÓGICAS EM IGREJAS HISTÓRICAS Rocha, Aline; Mello, Tiago; Bremer, Cynara; Nolasco, Gláucia	1812
TH. MARX, UM ARQUITETO NA CORTE DE D. PEDRO II Pessoa, Ana; Santos, Ana Lúcia V.	1825
TIPOLOGIA DE PÚLPITOS EM EDIFICAÇÕES RELIGIOSAS NA CIDADE DE OURO PRETO - MG Antunes, Alessandra Hernandez	1837
UMA CAPITAL PARA O GOVERNO GERAL: A CONSTRUÇÃO DA CIDADE DE SALVADOR ATRAVÉS DOS REGISTROS DO LIVRO DE PROVISÕES REAIS (1548 - 1578) Santos, Libânia da Silva; Lima, Savio Queiroz	1852
UMA ESCOLA CARIOCA DE PRÉ-MOLDAGEM Vasconcellos, Juliano Caldas de	1864

UTILIZAÇÃO DOS LADRILHOS HIDRÁULICOS EM SALVADOR NOS SÉCULOS XIX E XX 1879
Silva, Maria das Graças Rodrigues da

EIXO II - FORMAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO TÉCNICO E CIENTÍFICO

A CIRCULAÇÃO DE MATERIAIS, TÉCNICAS E MODELOS NO IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS: PRIMEIRAS ABORDAGENS. 1894
Santos, Ana Lucia V.; Ferreira, Rachel M.A.; FELIX, Camila G.

A INTERFACE PÚBLICO-PRIVADA NOS CÓDIGOS DE OBRAS E POSTURAS DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA-CE 1904
Cavalcante, Luana; Santiago, Zilsa Maria Pinto

A ÚLTIMA CEIA DE SERGIPE DEL REI: IDENTIFICAÇÃO E MAPEAMENTO DE CORES EM SUPERFÍCIES ARQUITETURAIS 1919
Nogueira, Adriana; Silva, Eder; Lima, Mayra; Castro, Uallisson

ANÁLISE DE MISTURAS DE PIGMENTOS DE PINTURAS POLICROMADAS DE RECEITAS BARROCAS ATRAVÉS DE TÉCNICAS ESPECTROSCÓPICAS 1934
Nascimento, Hugo M. S.; Issac Neta, Augusta C.; Rodrigues, Lorena A.

ARQUEOLOGIA, METAMORFOSE E INFLEXÃO NA ARQUITETURA DE ÁLVARO SIZA 1949
Penteado Neto, Raul; Lancha, Joubert

CASAS NO BRASIL: RETRATOS DA REALIDADE A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA 1961
Contier, Felipe de Araujo; D'Elboux, Roseli Maria Martins; Wolff, Silvia Ferreira dos Santos

CONSERVAR O PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO: FORMAÇÃO SUPERIOR DO CONHECIMENTO TEÓRICO À PRÁTICA 1978
Borges Azevedo, Cristina; Franco Henriques, Dulce

ENSINO E SALVAGUARDA DE TÉCNICAS CONSTRUTIVAS TRADICIONAIS NO CANTEIRO EXPERIMENTAL 1989
Oliveira, Karine Camila; Thiesen, José Rodolfo; Brasiliano, Victória Regina

INVENTÁRIO ARQUITETÔNICO DE CACHOEIRA DO SUL – RS 2003
Junges, Ciane Luisa; Aued, Marhia Eduarda Bottlender; Pavan, Juliana Silva; Delongui, Lúiza Segabinazzi Pacheco

MAQUETES E MODELOS REDUZIDOS NA FORMAÇÃO DE ESPECIALISTAS EM CONSERVAÇÃO 2014
Tinoco, Jorge Eduardo Lucena

MÉTODO, CONSTRUÇÃO E PERSPECTIVA NA LIÇÃO DE MATEUS DO COUTO, EM 1631 2029
Antunes, Tiago Alexandre de Brito Molarinho dos Santos; Silva, Mateus Alves

O CATÁLOGO BRASILEIRO DA CONSTRUÇÃO (1961 - 1970) EM MEIO AOS DEBATES SOBRE INDUSTRIALIZAÇÃO DA ARQUITETURA NOS ANOS 1960 Gaspar, Natália Maria	2042
O ENSINO DE CONSTRUÇÃO NA FORMAÇÃO DE ARQUITETOS NO BRASIL Santos Neto, Edson Fernandes D'Oliveira	2059
O RESGATE DAS TÉCNICAS CONSTRUTIVAS TRADICIONAIS NO ENSINO DE ARQUITETURA Ferreira , Emanuel; Vargas, Aline; Grandi, Leandro; Oliveira, Luiz Guilherme	2074
O USO DE COMPÓSITO DE FIBRAS DE CARBONO COMO FERRAMENTA EFICIENTE NA RECUPERAÇÃO ESTRUTURAL EM BENS PATRIMONIAIS Lopes, Jhonatan Vieira	2085
O USO DO BUILDING INFORMATION MODELING PARA A DISSEMINAÇÃO DOS CONHECIMENTOS DA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO DE ALVENARIAS COM TIJOLOS E BLOCOS CERÂMICOS ARAÚJO, Ana Paula R.; RIBEIRO, Emília Martins	2099
OS CÓDIGOS DE POSTURAS E A REGULAMENTAÇÃO DA CONSTRUÇÃO NAS VILAS E CIDADES DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, SÉCULO XIX Santos, Fabiano Teixeira dos	2114
PROTOTIPAGEM VIRTUAL DO PATRIMÔNIO: SIMULACROS COMO DICIONÁRIO IMAGÉTICO Berzoini, Thiago; Seghetto, Italo; Fernandes, Leonardo; Menezes, Wudyanna	2129
RAUL LINO, DE PARIS 1900 A LISBOA 1940 Garrido de Oliveira, Carla	2138
ÍNDICE DE AUTORES	2153